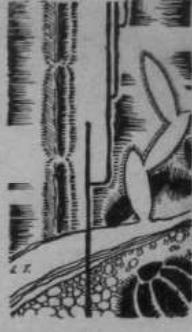




# MORDESTE



"São os do Norte que vêm..."

## Do Teatro e da Sociologia

*Aderbal Jurema*

**S**EI ser tarefa por demais inglória e cheia de surpresas, tentar fazer comentários em torno de conferências que não foram previamente escritas para serem ditas. E o que aconteceu com a que pronunciou o prof. Josué de Castro, em junho passado, na Faculdade de Direito do Recife.

Antes, porém de me ocupar da conferência do autor de "Geografia da Fome", — que durante mais de uma hora, a pretexto de explicar os fundamentos biológicos da civilização brasileira, o que fez foi atacar a obra do sociólogo conterrâneo, Gilberto Freyre —, quero assinalar uma outra conferência que, graças aos misteriosos designios do destino, me pareceram ser uma espécie de preparação psicológica para a próxima que se sucederia. Vítima, sem dúvida, desses providenciais e misteriosos designios, quando os jornais noticiaram que o diretor do "Teatro Anchieta" iria lançar um "manifesto de arte ao país" do vultoso salão nobre da Faculdade de Direito do Recife, tomei nota do dia e da hora para não perder o espetáculo extra com que o ator Renato Viana brindaria a sociedade recifense.

Na noite de gala para o sr. Renato Viana e um tanto melancólica para o glorioso passado da Faculdade, lá estava eu, firme, ouvindo, ou melhor direi, saboreando a mimície do rocambolesco encenador de "Crime e Castigo" para uma platéia viva e saudável como é a dos estudantes do Recife. E se ressalta mais a mimície do sr. Renato Viana, é porque os seus gestos eram mais perceptíveis do que as suas palavras. O "Manifesto de arte teatral" que lançou no palco bem que poderia ter sido feito em imagens cinematográficas. Nem no palco ficaria bem, pois o verbo foi completamente ofuscado pelo talento dramático do ator. A medida que ia historiando a sua via-crucis artística, exaltando, um a um, os seus cabelos brancos, o jogo de fisionomia tornava-se tão demoníaticamente interessante que não me foi possível gravar do "manifesto de arte" senão a sua decidida vocação para a caricatura teatral.

Ainda sob a forte impressão do espetáculo artístico do sr. Renato Viana, assisti, nesse mês de junho, naquele mesmo vistoso salão, a conferência do prof. Josué de Castro, subordinada ao tema: "Fundamentos biológicos da civilização brasileira".

Enquanto que o sr. Renato Viana, artista profissional de longo tirocínio pelas ribaltas brasileiras, levou escrito o seu "manifesto de arte", o prof. Josué de Castro, em quem eu nunca suspeitei tão pronunciadas qualidades de "virtuoso" da arte cénica, falou desembarracadamente, sorrindo-se apenas de um papo-huquê-esquema que nos dava a impressão de estar fazendo as vezes de "ponto".

Para um público de primeira classe, o autor de "Geografia da Fome" discorreu, com admirável loquacidade, sobre o importante

tema de sua conferência, citando de-côr principalmente dois ou três escritores presentes à sua palestra. Servindo-se de uma nova técnica de fazer conferências científicas sem ser escritas, o prof. Josué de Castro chegou a eletrizar os espectadores quando começou a demonstrar, — com o auxílio da palavra fácil animada pela mimície das mãos que, por vezes, eram ajudadas pelas voltas do corpo —, que toda sociologia brasileira não tinha bases científicas. Deu, nesta altura, uns passos para a direita, outros tantos para a esquerda, e lançou olimpicamente, tanto quanto pôde ser olimpico um nutricionista mestizo, a sua sentença: — não se pôde levar a sério essa sociologia pitoresca...

Como bom ator, o sr. Josué de Castro, durante o discurso sempre animado pelos requeiros de corpo e jongo adequado das mãos, não mencionou, nem uma só vez, o nome dos autores, isto é, dos escritores da sociologia pitoresca. Estava, aliás, no seu papel. Nunca vi uma interpretação tão boa daquela página do

citou abundantemente o sr. Gilberto Freyre, apoiando seu raciocínio justamente na palavra escrita daquele que ele, na conferência falada da Faculdade de Direito, inventou de sociólogo do pitoresco. Estranha inversão essa de um cientista que se baseia em livro numa sociologia pitoresca e, numa conferência que não escreveu, ataca o autor que lhe abriu os olhos para a orientação de seus escritos e que, ainda mais, lhe serviu de base primeira para estudar a história brasileira sob o ponto de vista da biologia social.

De qualquer maneira, já é tempo de abrir os olhos dos intelectuais mais novos e, principalmente, da juventude de nossas escolas superiores contra os homens que abusam da habilidade de coligir dados científicos para se apresentarem como cientistas proverados. E é bom que parte do Recife, daqui mesmo desta cidade de intelectuais pobres, mas sérios, o grito de reprovação contra os que, ainda, ostentam vivendo em nosso meio, depois de prolongada ausência na metrópole, voltam apressa-

chimpanzés novos. Embora seja de capital importância, como assinala Spengler, a diferença entre a técnica humana, variável e pessoal, do animal — invariável e impersonal —, a experiência do dr. Wolfe — onde chimpanzés aprenderam não só a inserir fichas, mas a distinguir entre fichas de tamanhos e cores diferentes, usando cada tipo na máquina adequada e inserindo duas onde isso fosse necessário — levou o prof. Ralph Linton a escrever: "Imaginação é a capacidade de representar no espírito situações que não estão presentes. Razão é a capacidade de resolver problemas sem passar por um processo físico de tentativa de erro. A razão não poderia existir sem imaginação, pois o raciocínio a situação tem de ser compreendida e os resultados de certas ações têm de ser previstos. Fazem-se tentativas e eliminam-se os erros, mentalmente. Se estudarmos do mesmo ponto de vista objetivo o comportamento humano e o animal, parece certo que, se reconhecermos no homem imaginação e razão, devemos reconhecê-las também no animal". (trad. bras. pgs. 82 e 83) E conclui o prof. Linton por achar que as diferenças mentais nos cérebros do homem e dos animais são mais de ordem quantitativa do que qualitativa.

Quando o professor Josué de Castro disse, em sua conferência, que cultura e civilização correspondiam às fases da contemplação e da posse no amor quiz, sem dúvida, fazer frase. Houve e ainda continuará a haver uma discussão bizantina em torno destes dois vocabulários. Mas é preciso sempre distinguir o significado em que se toma a palavra cultura, se no sentido antropológico ou no seu sentido clássico. O dr. Josué de Castro, dissertando sobre problemas de biologia social, só poderia estar se referindo ao seu conceito antropológico. E nesta direção, são unanimes os sociólogos, desde os brasileiros com Fernando de Azevedo, Roquette Pinto, Gilberto Freyre e Artur Ramos, aos estrangeiros como Boas, Rocker, Weber, Menzel e outros em aceitar o conceito de cultura que Ralph Linton explicitou tão bem: "Até agora não se grafo um termo especial que designe a herança social dos animais. Para os seres humanos, esta herança é chamada cultura. O termo é usado em sentido duplo. Como termo geral, cultura significa uma determinada variante da herança social. Assim, a cultura, como um todo, compõe-se de grande número de culturas, cada uma das quais é característica de um certo grupo de indivíduos." (pg. 96)

Mesmo que se quisesse dar uma relativa importância à "Geografia da Fome" do sr. Josué de Castro, teríamos de anotar, melancolicamente, que nenhuma contribuição pessoal trouxe para a geografia econômica brasileira porquanto nada fez do que sistematizar, pelo inverso, os processos de que se serve aquela ciência para localizar os chamados bens da terra. A finalidade da geografia econômica, segundo o prof. alemão Walter Schmidt, é "o estudo geográfico, conforme as suas causas e efeitos, do processo ativo que tem como objeto os elementos naturais na superfície da Terra". E o "seu primeiro objetivo consiste em determinar a localização topográfica dos fatores econômicos sobre a superfície da Terra". O prof. Josué de Castro, autor de uma "Geografia humana", que é mais econômica, aproveitou-se justamente das regiões onde há pouca alimentar para lá armazena a sua tenta de sociólogo da "Geografia da Fome", insistindo em condicionar toda a sociologia à ditadura da geografia biológica. Sempre é útil adverti-lo de que "o que é verdade nas ciências exatas,



Flagrante do prof. Josué de Castro dissertando sobre "Fundamentos Biológicos da Civilização Brasileira", na Faculdade de Direito do Recife.

sociólogo Gilberto Freyre sobre o mulatismo doutoral.

Mas vamos deixar o ator em sua glória e examinaremos com alguma seriedade, num esforço para ficarmos sérios diante de tão cômica atitude, o pensamento sociológico do autor de "Geografia da fome" e do ator de "Fundamentos biológicos da civilização brasileira". Em "Geografia da fome", o sr. Josué de Castro, logo no prefácio, confessou-se agradecido ao autor de "Casa Grande & Senzala" que despertou no seu espírito "dois sentimentos, ambos fecundos" para o rumo de suas pesquisas (pag. 39 e seguintes). Declara mesmo que graças à "obra do grande sociólogo" nasceu a projeto de "escrever um livro que fosse uma tentativa de sondagem dos fundamentos biológicos de nossa formação social" (pg. 40).

E no corpo da obra, obra, aliás, que sob o ponto de vista de pesquisas sobre a influência do regime alimentar nos agrupamentos humanos nada acrescentou, de particular, ao que já mencionaram Rui Coutinho, Silva Melo, Dante Costa e Castro Barreto em livros publicados —, o sr. Josué de Castro

damente a este burgo com intuições de nos deixar apavorados diante de "suas" descobertas científicas e de "suas" interpretações sociológicas.

Chego mesmo a avançar, sem medo de me transformar num julgador apressado, que o autor de "Geografia da fome" não escreveu a sua conferência por espírito premeditado de defesa. Ele bem sabe que quando falou, com requintado sabor de novidade, da chamada inteligência da espécie e da inteligência do indivíduo, estava repetindo as observações de Osvaldo Spengler no seu livro "O homem e a técnica", pgs. 42 e 43, edição de Espasalpe, Madrid, 1932.

Esqueceu-se, no entanto, o ilustre professor de citar o dono das observações — Spengler, como também se esqueceu dos trabalhos e das pesquisas que vieram após nos Estados Unidos e já relacionadas na obra "O homem: uma introdução à Antropologia" do prof. Ralph Linton, diretor do Departamento de Antropologia da Universidade de Colômbia. Quero me referir às experiências realizadas pelo dr. Wolfe no "Institute of Human Relations" com

### SUMARIO

ARTIGOS de Luiz Delgado, Aderbal Jurema, Otávio de Freitas Júnior, Abelardo Jurema e Hélio Galvão. CONTO de Gastão de Holanda. POEMAS de Luiz Santa Cruz (tradução) e Edson Regis. ENTREVISTA com Gilberto Freyre. DESENHOS de Zuleno Pessan. Bibliografia — Notas.

# NORDESTE Institue Um Grande Concurso De Romance

A aceitação que NORDESTE mereceu do público e, particularmente, dos intelectuais, não foi para nós, que a fizemos, um motivo de simples desvanecimento, quando não de vangloria: foi antes de tudo, uma advertência das responsabilidades que assumimos ao encetar esta publicação.

Desde muito, fazia falta em Recife uma revista deste gênero. De um lado, a necessidade e um ponto de reunião dos valores locais, e um órgão de imprensa em que, sem reclusão de quaisquer pontos de vista pessoais e sem influência de qualquer outra preocupação a não ser a da cultura, encorrassemões estímulo pela comunicação de seus trabalhos; de outro, a necessidade de divulgar, um pouco, fora de nossas fronteiras administrativas, o esforço intelectual que em Pernambuco se processa — eis aí as duas circunstâncias que deram insperado relevo ao nosso empreendimento.

Confessamos que eram muitos modestos os nossos intuições. E à adaptação, que se fez imperiosa e urgente, da revista ao ambiente que em torno dela assim se criou, devemos al-

guma alteração do nosso programa primitivo.

No entanto e para atender desde logo ao caráter amplamente regional que se deduz do seu próprio título e aos seus motivos de incremento literário, NORDESTE resolve lançar imediatamente as bases de um concurso de romances e novelas.

Pensamos, contudo, naqueles escritores que lutam com dificuldades de publicação de seus escritos, em nossos Estados nordestinos onde não existem empresas editoriais do vulto que o nosso desenvolvimento geral exigiria. Não de ser eles, no entanto, os continuadores de uma das tradições mais vivas da cultura brasileira: a que se reflete não somente na reconstituição ou na interpretação das originalidades da nossa existência dentro de seu áspero quadro geográfico, senão também na vitalidade de que o Animo criador dos fisionomistas dos ensaístas e dos poetas nascidos de Alagoas ao Maranhão, introduziu como um confluinte riquíssimo na literatura brasileira. Muitos conseguiram firmar os seus nomes nas letras pátrias; outros, porém, os que apenas começam, lu-

tam com obstáculos frequentemente desesperadores. Para ajudar a estes últimos, instituímos certas restrições em nosso concurso. E convém não esquecer, ao lado disso, as barreiras que nosso próprio caminho de publicação exclusivamente literária e em comêgo de vida, se levantam.

Será o nosso, por isso, o concurso de uma revista nova para escritores novos. Não terá grandes prêmios: será, porém, um gesto de companheirismo, uma ajuda cordial que esperamos venha a fecundar algum inicio de carreira gloriosa.

## AS BASES

O concurso NORDESTE estará aberto até o fim do ano, encerrando-se no dia 31 de dezembro de 1947 o prazo para recepção dos originais na redação da revista.

Serão aceitos romances ou novelas, inéditos e cujo texto deverá constar de pelo menos, duzentas páginas datilografadas em espaço duplo, em papel de tamanho almanzo.

Os concorrentes serão escritores nascidos ou residentes na região compreendida entre os Estados do Maranhão e de A-

lagoa, região que será também o centro do livro.

Serão excluídos escritores que tenham mais de dois livros publicados.

Os trabalhos dos candidatos serão entregues em quatro cópias: assinados com pseudônimo. O nome do autor virá em sobre carta fechada em cuja frente se terá escrito o pseudônimo e que só será aberta para identificação dos premiados.

O julgamento será atribuído por um juri composto de três escritores, preferentemente do sul do país, cujos nomes serão divulgados com o resultado final.

O critério fundamental do julgamento será a capacidade de criação artística e de expressão literária.

Poderão ser conferidos até três prêmios, com ou sem classificação de ordem numérica, a juízo da comissão.

Verificando-se que o candidato ao ser identificado, não preenche as condições constantes deste regulamento, ficará insubstante o prêmio conferido.

O prêmio constará da edição pela revista NORDESTE dos livros classificados, cabendo aos autores o saldo das edições.

# NORDESTE

MENSARIO DE CULTURA

Editedo pela Empresa JORNAL DO COMERCIO S. A.  
Redação e gerência: RUA DO MERCADOR, 346  
Sala 33 — 6.º andar

Diretor: Esmaragdo Marroquim  
Redator-chefe: Adelbal Jurema  
Gerente: Fernando Barros Lima  
Chefe de publicidade: Paulo Gómez da Silva

Número avulso ..... Cr\$ 3,00  
Número atrasado ..... Cr\$ 5,00

Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independentemente de critica assinada.

Solicitamos permuta com as publicações congêneres.

## REPRESENTANTES:

Estados Unidos (New York): Artur Coelho  
Rio de Janeiro: José Irineu Cabral  
São Paulo: Adz Ellihim  
Bahia (Salvador): Livraria Souza  
Parahyba (João Pessoa): Janson Goedel Cavalcanti  
Ceará (Fortaleza): Mário Albuquerque  
Rio Grande do Norte (Natal): J. Gonçalves de Medeiros

## \* TÓPICOS \*

**Uma tradição estudantil** — Os estudantes da Faculdade de Direito do Recife sempre tiveram suas revistas. Nessas publicações muitos dos grandes nomes das lettras brasileiras fizeram a sua aprendizagem literária nem sempre definitiva, mas fortemente marcada pela audácia dos temas novos e pelo amor quase heróico à Verdade. Entre 1930 e 1937 surgiram revistas de estudantes de direito como "Agitação", "Minerva", "Momento" e "Universidade" que atravessaram aquelas velhas umbras e brilharam lá fora, na metrópole, e no mundo.

A revista "Estudantes", reaparecida neste mês de julho, reencretou uma antiga tradição porque é uma revista escrita e ilustrada por estudantes e, pelos nomes, dos mais jovens que estão cursando a velha Faculdade. Com simplicidade determinada, elas escreveram no frontespício da revista: "Agora, eis que aqui estamos outra vez, dispostos ainda a mais esforços e sacrifícios para alcançarmos o objetivo a que nos propusemos".

Que a Felipe Gómez, Marcelo Pessas, Antônio de Brito Alves, José Rafael de Menezes, Ivan Neves Pedrosa, Augusto Guerra de Holanda, Aluizio Magalhães e F. Barreto Campelo nunca faltam o apoio e nem a compreensão de seus colegas e mestres. A flama que conduzem com a disposição de verdadeiros iluminados, numa época tão ingrata para

iniciativas deste gênero, já conquistou a praça da Faculdade e, quem sabe, se dela não se destacarão outras maiores que irão por aí afora iluminando a mocidade de outras escolas. Guiados pelo exemplo do estudante Antônio de Castro Alves, cujo retrato a bico de pena "Estudantes" estampa na sua capa, e com as azas ríjas da mocidade, elas poderão voar tão alto como se fossem condores. Condores de uma preciosa e rara tradição cultural que se não arrecearam de carregar sobre os ombros ainda adolescentes.

**Contraponto** — A revista de arte, dirigida pelo nosso colaborador Valdemar de Oliveira, em sua nova fase publica interessantíssimos trabalhos sobre o Carnaval de Pernambuco. Com belíssimas ilustrações e um selecionado corpo de colaboradores, "Contraponto" vem realizando, com absoluto sucesso literário e artístico, o seu programa de difusão cultural.

A revista de Valdemar de Oliveira não pode desaparecer. É preciso que o meio artístico de Pernambuco compreenda o que significa "Contraponto" que, no sul, foi recebida com expressões as mais lisonjeiras pela imprensa carioca e paulista.



## ILUSÕES EM SEQUÊNCIA

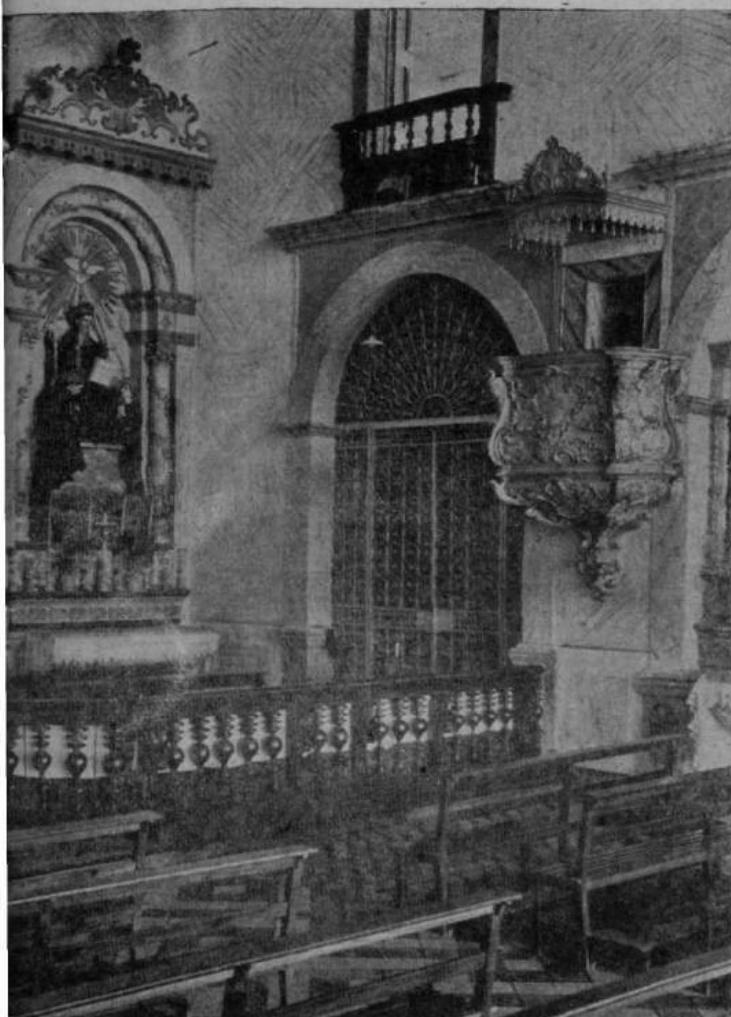
O olho humano, ao contemplar o desenvolvimento de uma película cinematográfica, a razão de 40 figuras por segundo, conserva a impressão de cada uma destas, o tempo suficiente para que o cérebro estabeleça a ligação com a figura seguinte, dando a ilusão de figuras animadas.

Ilusão maior, ainda, têm aqueles que julgam desobstruídas as dificuldades ante-postas à produção comercial. Meu caso, neste particular, é típico, e o único jeito é esperar na fila as encomendas semelhantes às de numerosas companhias congêneres, espalhadas pelos quatro cantos do mundo — diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.



# São Bento, O CIVILIZADOR

Luis Delgado



Altar de S. Bento na igreja do mosteiro beneditino de Olinda

Mesmo nós que vivemos, nos dias de hoje, entre os rúmores e os receios de um anunculado fim de civilização, não estamos suficientemente habilitados a compreender o que andava no coração dos romanos ao assistir a queda final do Império sob as investidas dos bárbaros.

A verdade é que o mundo, antes de Roma, conheceu apenas ou o despotismo ou a impotência. Fôsse a impotência erudita e sábia dos gregos que jamais se elevaram a uma organização política duradoura e vasta, fôsse a impotência rudimentar dos povos que pareciam não ter nascido para a vida espiritual — o resultado era o mesmo: davam a impressão de material disperso e informe, de um amontoado de areia, quando comparadas à solene construção que Roma erguia desde a Pérsia até a Inglaterra. Quando muito, houve cidades e dinastias que se estenderam, escravizando e assolando: as Iurânicas orientais cujo gênimo arranço veio morrer em Salamina ou aquela aventura

militar sem futuro e sem alma que partiu da Macedônia um dia.

Roma foi diferente. Ela realizou o milagre de dominar sem extinguir. Depois de ter vencido a Grécia, pôs-se a aprender as lições de sua cultura. A sombra do seu direito e da sua política, conservou-se e viveu o temperamento ibérico, o gaulês, o egípcio e o judaico. As religiões e os costumes de cada povo mantiveram-se sob as suas leis. Lutou contra o cristianismo como até então não havia lutado contra nenhuma ideia, mas acabou reconhecendo não só a sua existência, mas também uma grande parte de sua inspiração. De qualquer forma, não fôr um rôlo compressor correndo as terras e esmagando as almas: preferia ser a criadora da *pax romana*.

Até onde seus olhos alcançavam no passado, esse observador situado no século V veria apenas isto: a conquista militar serviria nos romanos para alargar nas quatro direções a sua disciplina ju-

ridicla e dar aos povos — posto que mediante tributos de várias espécies — uma tranquilidade que, antes, elas não haviam conhecido.

Eis que a realizadora de tal maravilha estava às portas da morte. Ia perecer. As forças bárbaras que ela havia contido, readquiriam a liberdade e o poder e, mais do que isso, vinham vencê-la em sua própria sede. Cercavam a urbe que parecera imortal... Que seria do mundo? Que seria dos homens cujo estilo de vida se elevava e apurava às margens do Tibre?

A angústia dos que assistiam esse declínio trágico era sem precedentes pois o que se via na história, até então, tinha sido o espetáculo dos povos mais adiantados vencendo os outros. Pelo menos, havia certa identidade ou aproximação, permitindo fusões, entendimentos, convívios. E era uma angústia sem esperança pois ainda não se sabia como iria proceder, nos revéses de idades, aquele espírito nova e eterno que

Cristo depositara na história. Os romanos sentiam, ao mesmo tempo, a culpa, o remorso de sua decadência interior. Conheciam, sem dúvida, que haviam perdido o valor militar e o valor político. Viam que o fisco absorvente e a escravidão amolecedora lhes tinham roubado o poder, o gosto e a iniciativa de trabalhar. Corriam, por isso, para os prazeres como quem corre para a embriaguez. Queriam consolar-se, «ontencendo».

Mas, por outro lado os bárbaros não estavam menos atônitos. Sua cupidite era inquietante. A grandeza de Roma continuava a intimidá-los. Tinham medo de vencer o Império e não saber assimilar as coisas grandiosas de que era feita a sua vida. Talvez hesitassem sobre a eficácia da antropofagia que iriam cometer, devorando literalmente o inimigo no afã de incorporar as suas qualidades.

Entre essas duas forças que assim marchavam para um combate inevitável e decisivo, surgiu o cristianismo.

No entanto, a sua mensagem era alta e ampla demais,

como ainda hoje, era infinita, e o trabalho de ajustá-la às precárias instituições humanas representava um problema novo e embarrasante. Uma coisa era viver o cristianismo sobrenaturalmente — o que os santos desde o começo souberam fazer —, e outra coisa estabelecer Jerusalém dentro dos muros de Babilônia. Muitos anacorétas haviam fugido do mundo, cortado qualquer ligação com ele; mas era necessário viver dentro dele, instruí-lo, santificá-lo. Já se havia contemplado a transformação do mesmo Império que multiplicara os mártires, em poder que protegia o clero e defendia o dogma contra os heréticos. Inúmeros cristãos cuja memória revivia o drama de seus antepassados devorados nos círcos pelas feras, indignavam-se o fim dessa mesma Roma que determinara as perseguições, não seria o fim do mundo; é certo que Santo Agostinho podia antever e aceitar de bom grado a substituição da unidade imperial pela diversidade dos povos; mas, tudo isso prova apenas aquela liberdade de opinião e de ação que o cristianis-

mo deixa nos fiéis em relação aos problemas de ordem temporal. E então os fiéis, por sua vez, quedavam perplexos ante o destino que aguardava aquela civilização em cujo seio, afinal, haviam nascido e viviam.

Pois, foi nesse tumulto de almas que S. Bento surgiu na história e mereceu o título de patriarca dos monges do ocidente.

Ele é um representante insuperável da velha dignidade romana. Cada um de seus movimentos vem impregnado de uma grandeza que é feita de elevação interior e de domínio exterior, sem esforço, espontânea e inevitavelmente. Aquela autoridade natural com que Roma apareceu diante dos povos e era o vestimento de sua vocação, São Bento possuía também. Quando um gordo coahrador de impostos trouxe à sua presença, acorrentado, o contribuinte, que lhe metera o nome em escapulário e mentiras, o outro, sem interromper a leitura e mandou apenas que lhes dessem comer e os descanssassem, tendo libertado o prisioneiro, que o seu mestre era lugar de homens livres; depois, então, é que se ocupou dos seus negócios pequenos, censurando-os e mandando-os embora. A magestade romana transparecia nessa recepção feita de calma e de vigor, de imperturbável ascendência.

Era esse equilíbrio de sua gente e de sua educação, intensificado pela força de sua personalidade, o que ele submetia à graça divina como docil matrís-prima a ser modelada. Quando estava moribundo, levantou-se do leito, caminhou até a capela e, só, de pé, sustentado por dois monges, de olhos para o altar, morreu; entregava assim a Deus as energias intactas e indobradas do seu corpo e do seu espírito.

(Continua na pag. 18)



Recanto do altar-mor da igreja de S. Bento de Olinda

UM TEMA que necessita um esclarecimento, pois tanta confusão existe em torno dele, é o da caracterização daquilo que se chama "poesia moderna". Evidentemente que caracterizar o moderno supõe também caracterizar o antigo, para lhe contrapor. Só é que há ressentimento uma possibilidade de opor, segundo os valores púnicos e estéticos o antigo ao moderno.

Não, mas a oposição segundo valores poéticos e estéticos é impossível. O moderno e o antigo não podem qualificar valor. Nem mesmo num sentido de "aperfeiçoamento" isto é possível. Pois comparar Picasso a Leonardo, ou Valéry a Dante, em que resulta?

O que há é um "modo" que evolui.

Certamente que esta evolução significa um aperfeiçoamento, mas não no sentido de integração, de poder expressional adaptativo. Mas adaptação relativa, e nunca "aperfeiçoamento" absoluto. Aperfeiçoamento. A ideia supõe uma noção de perfeição como limite. Em Arte é ideia impossível, pois a perfeição limite é problema de relação entre o artista e o mundo que o cerca em um momento determinado. Aquele poder ou faculdade, "descobridora" e no mesmo tempo "expressional" do artista, para o mundo. Não significando isto compreensão "popular", quantitativa, sufragista do artista, está claro. E é ideia impossível o aperfeiçoamento "histórico", pois é condição mesma da suceder histórico a mutabilidade permanente. Donde, variação do modo expressional.

Em outras palavras: o progresso artístico, ou poético não existe em si, como fenômeno histórico. O progresso, o aperfeiçoamento, é valor da técnica e da conciência humana mas não da ação poética no seu mais amplo sentido.

E talvez não seja ousado demais dizer que o mesmo se passa com as línguas dum modo geral, pois a poesia tão estreitamente está ligada à linguagem, que muitos de seus problemas são comuns. Pois não parece, por exemplo, que o Português seja um latim "aperfeiçoado". Bom, ele expressa certos dados, objetos e fatos que pela "novedade" o latim não poderia talvez expressar. Uma transformação tão completa de costumes, instituições, técnicas, etc., como a que diferencia as sociedades de Roma e de Lisboa ou Rio de Janeiro — vinte séculos de percurso — exige um modo de expressar novo. E não é outra coisa o que torna, por outro lado, a linguagem impossível de expressar os dados da Física Moderna, substituída então por um modo expressional diverso do quotidiano: o Matemático. Não há entre linguagem e matemática, progresso, porém, senão melhor ajustamento aos relativos campos. Pois, apesar de todo poder expressional da matemática, nunca será possível "contar numa equação um fato tão simples como este: João beijou Maria" ou "Pedro está triste".

Temos portanto que apreciar a transformação do modo poético, como ajustamento a, por sua vez, novos modos de vida, de sentimento, de ser, de pensar...

De onde haver um valor apenas "funcional" na transformação do modo poético. Sem nenhuma pre-noção de aperfeiçoamento e progresso absoluto. E, independente deste valor funcional, sintônico (poeta-mundo — mundo que se transforma), os valores realmente estéticos da Poesia. Ou melhor, a presença ou a ausência da Poesia: Presença que é evidente em Camões, ou em Manuel Bandeira, em François Villon, ou em Patriarca de la Tour du Pin.

Então o que varia (sem ideia de progresso, insistimos), é o próprio espírito lírico, um indefinível, um conjunto inavalável de "pontas" como chamaria Jean Richard Bloch, de "impressions", cuja objetivação — expressão — é o milagre poético. Impressões latentes do mundo, que cabe ao poeta descobrir, e coletivar, numa palavra, tornar poema. Neste "tornar poema" está a questão fundamental da arte poética. Tornar poema é definir o indefinido, é dar poema ao amorfo; e fazê-lo é agir taticamente.

Portanto, a tática... a tática poética, a arte poética é a escolha de forma, é a realização, é a verdadeira "criação" do poema. Criação para a qual se formam regras, pelo acúmulo das experiências e para a qual concorre o poder inventivo pessoal. Embora que esta invenção seja da mesma ordem daquela "criação" que M. de A. se referiu relativamente ao Romance: Criação mais do "tudo" que do "nada", donde sua autenticidade, sua legitimidade. Isto é, sua correspondência com verdades presentes, intuições, verdades existentes em função do meio espiritual. De propósito evito a palavra social ou cultural, dando ao meio um sen-

# Sobre Poesia e alguns poetas

Otávio de Freitas Júnior

(III)

tido impreciso, com esta sua união ao "espiritual".

Variam portanto a "impressão" — o imponderável lírico — e também a forma, o modo expressional. Esta, algumas vezes ligada bem estreitamente a finalidades utilitárias: o caso da rima, por exemplo, cuja finalidade mónica é evidente, portanto com grande sentido na poesia popular, analfabeta, impossível de ser gravada graficamente. Ou de certos ritmos de poesias religiosas, capazes de facilitarem estados de transe místicos.

É claro que os modos expressivos, dentro de cada ciclo espiritual, vão se armando coletivamente, partindo das experiências individuais, e desta pressão utilitarista, finalista, do coletivo. E, enquanto correspondam à função realmente expressiva, são legítimos. Mas, que se evasiam completamente, e se tornam anômalos, quando chegam simples facilitação construtora, e não construtiva. Quando se desligam da impressão para se tornarem unicamente exteriores, vivendo isolados do conteúdo, ou, sem contudo simplesmente artesanais, simplesmente técnicos. Quando degeneram de forma para forma. Ai, tais modos, são veículos que nada conduzem, nem podem conduzir. Tornam-se imprestáveis. Porque a expressão sem a impressão é a morte da poesia, como da arte. E isto é o academismo.

Sugeriram estas reflexões dois pares de livros de poesia publicados em 1945. Dizemos de propósito, dois pares, pelo de comum, em relação ao assunto, que têm dois a dois dos quatro livros: "Vida e Sonho" de Austro Costa e "Sugestões de um Poeta Persa" de Aravijo Filho, de um lado, e de outro, "Poesias" de Antônio Rangel Bandeira, e "Rosa Extinta" de Domingos Carvalho da Silva. De comum, em relação à oposição novo-velho, pois cada um deles se diferencia extraordinariamente do outro, no mais, e sobre eles procuraremos dizer alguma coisa. No que têm de comum — no que encaram de novo e de antigo — e no que têm de diverso.

"Vida e Sonho" do sr. Austro Costa, é um exemplo das mais característicos da poesia que já não corresponde impressional ou expressivamente às configurações do lírico presente. Trata-se de um caso dos mais legítimos de um "modo" poético (lírico e artístico), sobrepassado, o que, repetimos mesmo com o risco da amolação de tanto repetir, não representa realmente elemento de valorativo, positivo ou negativo.

E o sr. Austro Costa, um poeta passadista, e pela sua integração na temática do passadiço, integração tão intensa que as vezes se torna até exagerada, ele nos mostra bem a diferença das duas constelações impressionais que ainda hoje correm paralelas na nossa poesia: a chamada "modernista" — o que, diga-se de passagem, gera uma permanente confusão entre os menos informados — e a outra que se mantém sob um rótulo talvez impróprio também, de "acadêmica".

O que distingue estas duas poesias? A primeira vista pareceria tratar-se de uma questão de forma. Tal distinção é profundamente ingênua, porém. Nenhum elemento formal da chamada "poesia acadêmica", elementos formais utilizados sistematicamente no passado, se opõe à nova Poesia. E' verdade que esta nova poesia acrescentou elementos novos à arte poética. Acrescentou o verso livre, por exemplo, o verso sem rima e sem métrica, cuja utilização devida a Gustavo Kahn, data do século passado, embora alguns pesquisadores o datem de bem mais longe. O verso sem rima, só nômico, alguns completos ignorantes, seriam capazes de crer invenção "modernista". E' clássico o exemplo citado nas gramáticas vagabundas, dos "versos soltos ou brancos", que, segundo o sr. Eduardo Carlos Pereira,

ras da essência humana que as deve fecundar. Estereotipando o Amor, perdia-se os amores, a Vida, encobria as vidas, aquelas vidas "vidinhas", que come a poesia moderna reencontrar, um Manuel Bandeira, ou um Carlos Drummond, com tanta felicidade. E no meio destes subterrâneos conflabulatorios, destas estereótipas, destas proto-vivências, o poeta antigo se perdia em sutilezas, em reticências, em ironias ou familiaridades, que cada vez tornavam mais individualística a poesia "antiga", contrastando com seu aparente coletivismo estrutural: a facilidade com que transmitia certos elementos rítmicos com a rima, e o academismo metrificado.

Exemplo bem típico temos neste poema do sr. Austro Costa, com que abre suas sonetos de amor:

"Onde estão as promessas de Ventura?  
Onde o Amor? onde a Glória? onde a Alegria?  
Eu só conheço os prêmios da Amargura.  
Eu só tive acalento de Ironia."

Mas a vida é mulher: Mulher perjura,  
Riu de minha tristíssima figura  
De Cavaleiro Andante da Ironia.

Dai ser necessário um verdadeiro esforço hermenêutico para a verdadeira penetração na poesia chamada "acadêmica", que, neste sentido, se assemelha a certas atrações velhas, cobertas de maquiagem. Maquiagem que as falsifica perante os olhos das novas gerações, que as mascarada, as esconde. E que superada, vencida, destruída, deixa ver, apesar de tudo, um rosto humano, uma alma humana, um sofrer, um viver humano. Roseto, alma, sofrer, viver que transcendem ao tempo que passou ou que passa, às rugas mal disfarçadas, às camadas de creme e as tinturas.

E vencida, superada, destruída, esta estruturação temática, exterior, da poesia do sr. Austro Costa, superadas suas estereótipas, suas proto-vivências, sua meta-poética, suas maiúsculas, seu simbolismo conflabulatorio (Amor, Sábio, Verdade, Quadro, Eternidade, Instinto, a Loira, O Despeito, Passado, Desencanto, Tédio, Eterna Zombaria, Saudade, Sonho, Paixão), seu eruditismo rebuscado (Veríssimo, Watteau, La Rochebouef, Rimbaud, Cítra, Mithene, Saito, Baco, Silene, tudo isto citado num poema só), seu vocabulário precioso ("alegoria irrial", hiperestesia, aguascal, musoquismo, "leda carícia", "menestrel infeliz", "astreto dortei", afim, vergel, tantânamo, argêntea, prólogo, abelhas e moscardos, hália, redolente, alviniente, cérdo, "perenal renôvo"), suas definições hiperbólicas e realmente anti-poéticas ("volível coração" — pobre tonel furado" — "Coração! Pobre Dínamo...", "O Rio: o lêdo estuário dos sonhos de Adelmar e de Olegário" — "A Vida não é só sômente gleba maninha, aspérima e deserta", "o silêncio é a oração das moltas e das farnas", "a ladinha excentrica dos girolos", "vulcões de carne" (seios das mulheres fatus), etc., vencida esta "maquiagem" acadêmica do sr. Austro Costa, vamos encontrar um temperamento sensível, um enamorado da vida e do próprio amor, poeta muito mais neste seu aspecto humano, de boêmio no melhor sentido, que aquele artificionalismo expressional. Boêmio como símbolo de protesto poético contra a planificação espiritual do mundo burguez, de alguém que lamenta sinceramente.

"Não ter hoje em dia a Dama e o Rei  
Por quem terçar, por quem morrer na  
arena."

todo ele penetrado de um lírico de extasiamento diante da beleza de uma vida embora esquematizada ou melhor estilizada, como nas operetas tão em voga no começo deste século. Mas, que não se condene esta estilização. Ela representou realmente mais um protesto que uma fuga. Ela foi um padrão de inconfiabilidade, que se por um lado gerou um sentimento de distração, divertimento, por outro, representou uma verdade poética, que no sr. Austro Costa se realizou em amor, num amor donjuanesco, quasi uma espécie de "amor pelo amor", e que o conduziu a um ceticismo insatisfatório, persimila, mas desprovido de amargor, um ceticismo simpático, capaz de permitir que o poeta se comovia com imagens e recordações: imagens de uma pureza lírica como Natal, o Papai Noel, ou se mostrasse tão sereno em trovas realmente admiráveis como aquelas "Provas escritas na areia", cuja estrutura formal encerra um conteúdo de beleza poética:

(Continua na pg. 17)



# IMAGENS HEROICAS

## da MINHA JUVENTUDE

Abelardo Jurema

Foi o escritor Celso Mazzoni quem começou a discorrer, numa das movimentadas palestras do Clube "Cabo Branco", da cidade de João Pessoa, sobre personagens da vida real e da literatura de ficção, salientando a absoluta identificação de umas com as outras. Com essa entusiasmada, lembrei-me de certas imagens reais e heróicas de minha juventude, cujos principais traços lhes dão aspectos vivos de figuras de romances, permanecendo no julgamento do leitor como frutos de pura imaginação.

A imensa riqueza de suas nuances fica sempre perdida por ai, escapando a curiosidade dos homens de imprensa que nem tudo podem descobrir. Por isso mesmo é que me ocorreu falar agora de algumas dessas vultos que surgem em nossos caminhos e passam como sombras para uma reminiscência mais viva nas horas paradas de uma conversa ao pé do rádio ou no "hall" de um singularíssimo "Cabo Branco" — não há outro em todo o Brasil — onde se leva uma tarde inteira de bate-papo inofensivo.

1 — Vem-me assim à memória, para começar, a imagem de um Edson Valença. Filho de gente rica, habituado ao conforto do "grand-monde" recifense sustentado pelos lucros extraordinários

lença mal dobrava a molançosa mensagem, dirigia-se para uma agência de empregos, dando o seu nome para qualquer atividade. Veio a primeira notificação que foi aceita imediatamente. Estava o Edson transformado em condutor de "sub-way," trabalhando seis horas todas as noites e estudando outras seis na universidade. De filhinho do papá e da mamã, passou a operário sindicalizado. Das notícias boêmias dos "night-clubs" ao "quinet" de um trem subterrâneo. Do "sweatex" de "boy-friend" à blusa de um "ferryman". Da vida bucólica de um centro de estudos para a agitação de um trem de passageiros por debaixo da terra, com uma velocidade espetacular

nessa época, não era vulgar e assim o Edson, percorrendo as três Américas, viveu para qualquer atividade.

Hoje o seu nome ocupa as páginas dos jornais como banqueiro e advogado. Passaram as aventuras e ele está naturalmente cuidando do futuro da família, em terra firme. O que viveu somente cabe num romance. O que sabe, ninguém aprende nos livros. E o que é, ninguém consegue somente com pistóis. Até parece um general britânico que depois de lutar pelas colônias nos sete mares e nos cinco continentes, se deixa ficar tranquilamente numa chácara, narrando aos filhos os seus dramas, as suas can-

so de sargentos da Escola de Aviação Militar. Não dominava aquelas jovens, o espírito de aventura, simplesmente. Algo de romântico sem dúvida impulsionava cada um para as glórias do espaço. Mas, também as dificuldades de vida eram razões ponderáveis, considerando-se que o curso de sargento prometia remunerações mais ou menos compensadoras. Em todos, entretanto, estava bem vivo um ideal muito mais forte do que todas as necessidades. Era a juventude de buscando servir à Pátria, numa arma que em 1932, com os perigosos "Wacos", constituiu um trampolim seguro para a morte.

Entre elas seguia o timbaubense Enéas Jorge de Andrade. Beirava os deserto

como rebelde. E que rebelde! Lutou. Foi preso e condenado. Parecia que tinha insinuante, muita presença, arrogante nas atitudes, bônia sem sentimentalismo, agitado e disposto às lutas, quer no campo político ou pessoal. Trazia do velho e provecto Guedes Miranda das Alagoas, de quem é sobrinho, traços marcantes de uma inteligência bem viva mas que ficava nas suas linhas naturais, bruta, sem qualquer lapidação em bibliotecas que freqüentava apenas para perturbar, com o seu espírito irrequieto, a paz dos que estavam.

A velha Faculdade de Direito do Recife, entre 33 e 37, foi o palco de suas diaburas. Estava sempre na primeira linha de todos as campanhas. Batalhava nas eleições do Diretório Acadêmico. Lutava na composição da diretoria do Centro Martins Júnior. E, lancava entre universitários anedotas pelo pressão policial de um Malvino Reis, sementes sempre novas de rebeldia e de ação. Fóra do tempo do direito, estava o Teócrito nos subúrbios, entre serenos de danças e festas de rua, nas reuniões de Olinda ou no "footing" de Boa Viagem, nos comícios políticos ou nos xangôs e batucadas, enchendo sempre o ambiente com turmas entre policiais, malandros e adversários de seu grupo atípico integrado por temperamentos arreliados como Epitácio Pessoa Cordeiro, João Agripino, Everardo Guerra e Apônio Maurício. Não temia barulhos e diárias fazia questão de participar intempestivamente por amor às aventuras, ao épico, à luta. Não adiantavam os conselhos dos mais prudentes. A sua impetuosidade era incontrolável. Até um Capitão como Nelson de Melo se fez nas mãos de um Teócrito Miranda rebelde que provocava tumultos na exibição de um Thara-Bey no Teatro Moderno ou nas audições de uma Bidu Sayão, no Teatro Santa Isabel, em ninda importando o ambiente se era de "smoking" ou de franca liberdade de um "traje a passo".

2 — O diretor de um clube grancino como o "Tennis" do Boa Viagem ou de uma agremiação da classe média como o "Dragão de Mimos", da rua da Concordia, tinha sempre o trabalho forçado quando Teócrito Miranda aparecia numa mesa reservada sem se saber como... Lembramo-nos que em Largo da Paz, Teócrito se fazia acompanhar de uns seis colegas de Faculdade, participando de um sereno de uma bala de aniversário qualquer. Não durou muito a sua posição de espectador. Logo mais ele fazia as apresentações de estilo ao domo da casa, de todos os seus companheiros. E, quando o último era introduzido através de uma porção de elogios especiais, o anfitrião, com um largo sorriso nos lábios, virou-se para a turma já em posição de tomar conta das danças e disse gostosamente — "E quem me apresentará agora ao intitulado diplomático de vocês..." E, as danças se prolongaram até alta madrugada para a alegria de todos. Não havia dificuldades para Teócrito Miranda.

(Continua na pag. 15)

da indústria do açúcar, logo o seu destino era a América do Norte. Não sei se o Edson Valença se viu impulsionado pelo desejo sincero de estudar, quando num "iner" transferiu-se aos Estados Unidos, ou se foi jogado aos eflusos de ultra-mar pela curiosidade despertada por outros mundos, outras terras, outras mares, outros céus.

O fato é que logo mais aquele jovem estava cursando a universidade de Baylord. Os anos se passaram e já estava ele prestes a concluir o seu curso de administração e ciências, quando as coisas correram mal para as usinas pernambucanas. A crise estourava e ninguém mais podia manter filhos em terras distantes onde o nosso dinheiro valia pouco. Edson Valença logo recebia o bilhete azul do velho pai, para regresso imediato, dada a impossibilidade pecuniária em que se via para sustentar o filho no custoso plano universitário americano.

Então surgiu no Edson uma outra personalidade. A do homem decidido, de espírito de aventura e fiel a uma vocação. Sem se deixar acalmar, nem tad pouco dominar-se pela "debaque" que fazia ruir os seus sonhos de estudante, o Edson Va-

lença com os nervos inexperientes e mal-acostumados de um sul-americano habituado ao conforto e à tranquilidade da vida farta de uma casa-grande. Tudo foi obra de um instante. E, Edson Valença não ficou ali.

Graduado pela Universidade de Baylord, regressou ao Brasil. Velo para o velho Recife. Ingressou na sua tradicional Faculdade de Direito. Era sempre o centro de animadas palestras, pois a sua vida tão espontaneamente rica despertava a mais intensa curiosidade e interesse de seus colegas. Estudava, mas trabalhava também. A agência de uma companhia de aviação necessitava de um "boy" para atender aos passageiros internacionais no aeroporto. Um "boy" que falasse bem o inglês e o português, condições satisfatórias plenamente pelo Edson que lá ficou até concluir o seu curso de direito.

Outro dia ao vir um clérigo de seu desembarque na imprensa local, ao lado de uma garotinha e de sua carametade, pensei em tudo isso. Como personagem da vida real, Edson Valença, é uma figura de romance. Pouco estaria acreditando no que contei e ficaria surpreso que grande parte entrou nessa reportagem memorialista pelo fôrça da imaginação.

Mas outros tipos heróicos virão como o timbaubense Enéas Jorge de Andrade,

com a mesma fôrça e vigor que singularizam suas vidas entre as multidões que passam aos nossos olhos.

3 — Em fins de 1932, o velho "Siqueira Campos" conduzia para a Capital da República, oito jovens pernambucanos que viviam vidas inteiramente diferentes. Um concluiria o curso serido, como se chamaava naquela época, o ciclo ginásial. Outros tinham prestado serviços em casas comerciais. Dois ou três não tinham qualquer profissão. Unia todos, um desejo comum. Havia sido aprovados num exame de seleção para o cur-

seiros, as suas experiências de uma vida cheia de aventuras e de perigos. Apenas há uma diferença. Deixou ele as aventuras, mas ainda trabalha intensamente.

Outro dia ao vir um clérigo de seu desembarque na imprensa local, ao lado de uma garotinha e de sua carametade, pensei em tudo isso. Como personagem da vida real, Edson Valença, é uma figura de romance. Pouco estaria acreditando no que contei e ficaria surpreso que grande parte entrou nessa reportagem memorialista pelo fôrça da imaginação.

Mas outros tipos heróicos virão como o timbaubense Enéas Jorge de Andrade, com a mesma fôrça e vigor que singularizam suas vidas entre as multidões que passam aos nossos olhos.

4 — Em fins de 1932, o velho "Siqueira Campos" conduzia para a Capital da República, oito jovens pernambucanos que viviam vidas inteiramente diferentes. Um concluiria o curso serido, como se chamaava naquela época, o ciclo ginásial. Outros tinham prestado serviços em casas comerciais. Dois ou três não tinham qualquer profissão. Unia todos, um desejo comum. Havia sido aprovados num exame de seleção para o cur-

anos, como os demais. Vinha de uma loja qualquer em qualquer ponto do Recife. Timido, introspectivo, cheio de complexos de inferioridade, arreio às brincadeiras de bardo e aos náufragos com as elegantes comunitárias de viagem, o Enéas era bem um temperamento que à primeira vista dava a impressão de um verdadeiro vencido na vida.

No Rio, nos primeiros

contatos com a grande cidade e com a agitação militar da vila Marechal Hermes, o Enéas mergulhava num isolamento que causava pena. Raramente participava das notícias alegres e nunca dava uma fuga à cidade. Estava sempre retradio, esquivando-se de todos e de tudo.

Após novas provas de seleção, cada um foi para a especialização escolhida. Piloto. Piloto-fotógrafo, piloto-metralhador, piloto-observador, piloto-navegante e piloto-mecânico. O Enéas escaleou logo a mais moderna. Tornou-se piloto-mecânico e posteriormente metralhador.

O tempo correu. Enéas era um anônimo na Escola. Em 1935, para surpresa de todos os seus amigos que ignoraram sempre o que pensava o Enéas da política do país e do mundo, ele que surgiu o cábulo de Timbaúba



# Visita do Presidente do IAPETEC ao Recife



A recente visita, a Pernambuco, do sr. Hilton Santos, presidente do Instituto de Aposentadoria e

Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas, deu ensejo a que se focalizassem as atividades desse mesmo Instituto, desde a sua fundação, principalmente no que concerne ao nosso Estado.

Entre nós, o sr. Hilton Santos e sua comitiva desenvolveram intenso esforço para cumprir todos os pontos do programa organizado em sua honra e que foi, por seu turno, um índice expressivo de realizações em favor dos associados do IAPETEC em Pernambuco. Lançamentos de pedras fundamentais de algumas iniciativas, inauguração de outras, visitas a outras mais, — tudo isso fez o sr. Hilton Santos. E s. excia, não escondeu o seu entusiasmo e admiração pela eficiência com que se desenvolvem aqui os serviços assistenciais do IAPETEC, tendo para o delega-

do do Instituto em Pernambuco, sr. Dorgival Guedes Pereira, palavras calorosas de simpatia e aplauso.

Os clichés que ilustram esta página fixam aspectos da estada do sr. Hilton Santos no Recife.



# SOBREVIVÊNCIAS do ROMANCEIRO HISPÂNICO no NORDESTE BRASILEIRO

*Helio Galvão*

O dr. Joaquim Alberto Pires de Lima, diretor do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, envia para mim alguns trabalhos seus. Não de matéria médica, evidentemente, mas de uma outra especialidade sua, a etnografia, de que é também ele mestre em Portugal. A família Pires de Lima, aliás, é uma família de médicos e etnógrafos. Fernando de Castro Pires de Lima e Augusto Pires de Lima, até mesmo uma mulher, Maria Clementina Pires de Lima, são nomes bem conhecidos dos estudiosos de etnografia comparada.

Comentando a atividade de Menéndez Pidal no romanceiro peninsular, escreve o prof. J. A. Pires de Lima, num breve, porém, sugestivo estudo: "São comuns, sem dúvida, o cancionero, o romanceiro, o adiágiro, a alma de Portugal, de Espanha e das nações luso-espânicas de América." Também penso assim. Ainda há poucos meses, em carta para o dr. Jaime Lopes Dias, um dos meus grandes amigos portugueses, salientava eu os pontos de contacto da canção popular da Beira Baixa e do nordeste brasileiro. Com satisfação, recebia depois daquele mestre de etnografia beira, comunicação de que iria aproveitar minhas observações no prefácio do VII volume de sua obra *Etnografia da Beira*, em preparação.

Si é assim na canção popular, também o é nas tradições, nas superstições domésticas, na terapêutica, nos costumes. No que ao romance concerne não discrepa a minha opinião. Ao estimúlio do prof. Luiz da Câmara Cascudo dei-me à tarefa de cobrir os romances tradicionais, por ventura sobreviventes no nordeste brasileiro. Em matéria de romance o sertão está em cena inacabada. Com surpresa para mim, porém, na minha própria província natal (Tibáu, município de Goianinha) deparei rico folheto. Na própria casa de meu pai anotei alguns. Só o *Gerinaldo* não encontrei até hoje. Em compensação encontrei um romance raríssimo, o da *Bela Infanta Paulina*, que possuo integral, em vinte e cinco quadras e três sextilhas, com bonita soifa. O romance tradicional, porém, só estará completo se acompanhado da música respectiva, que é uma condição de sua sobrevivência, conforme observa Vicente T. Mendoza, mestre mexicano na matéria. E é ai precisamente, que reside o grande obstáculo. O prof. Luiz Heitor, responsável por uma cadeira de folk-lore musical na Universidade do Brasil, precisa vir ao nordeste. Precisa vir ao Rio Grande do Norte. Para salvar o rico espólio de nossa música popular, antes que morram as velhinhas, porque a gente nova só sabe cantar o samba carnavalesco. E é com um quasi pudor que as velhas nos ensinam alguma coisa do que trazem escondidamente guardado. Meu esforço nesse particular tem sido compensado. Cinco ou seis romances já têm suas músicas escritas. Precisamos seguir nesse ponto o exemplo que nos vem do Chile, com Eugénio Pereira Salas, Domingo Santa Cruz, Humberto Allende e Filomena Salas. O Instituto de Folclore Musical da Universidade do Chile é uma instituição que merece respeito e a gratidão de todos nós, pelo que tem realizado. Há muito que Luiz da Câmara Cascudo, o mestre brasileiro, deu o grito conclamador.

Voltando à tese do prof. Pires de Lima, da similitude do nosso romanceiro, passemos a alguns exemplos que a demonstram:

Do romance das *Senhas do Espôso*, de que Vicente Mendoza fez estudo magistral, anotei duas versões: uma em Tibáu, *Dona Princesa*, outra em Pedro Velho, *Luiz Antônio*. Devo assinalar que em nenhuma variante, mexicanas, chilenas, portuguesas ou espanholas, há o nome do marido ausente na guerra, que a espôsa fiel aguarda. Nas duas que coligí, numa o marido é *Luiz Antônio*, na outra é *Dom Luiz*. A versão

do Tibáu deriva possivelmente da Beira Baixa, conforme a registrada por Lopes Dias. A de Pedro Velho procede da versão de Lagos, que Ataíde Oliveira divulgou no *Romanceiro e Cancionero do Algarve*. Assinalemos os pontos de contacto:

Beira Baixa:

— Viste lá, ô capitão,  
O meu marido na armada?  
— Nem o vi, nem o conheço,  
Nem sei os sinais que levava.

— Levava cavalo branco

Na ponta de sua lança  
Um Cristo de ouro lavrado.

Lagos:

Dize lá, meu capitão,  
Dize lá, pela tua alma,  
Si o homem que Deus me deu  
Veio ou não na tua armada?

— Diga-me, minha senhora,  
Os sinais que ele levava.  
— Levava um cavalo branco  
Com uma sela amarela.



PERSONAGENS DE "MAMULENGO"

E seia sobreduzida  
Na frente do seu boné  
Um Cristo de ouro levava.

Na ponta de sua lança  
Uma bandeira de guerra.

Pedro Velho:

Um marido que eu tinha  
Que na Corte não havia  
Chamado Luiz Antônio  
Capitão de infantaria  
— Vos me dizia, senhora,  
Que sinais ele levava.  
— Levava um cavalo branco  
E seia sobreduzida

Ao redor do peitoral  
Leva bandeira de guerra.

As versões mexicanas apresentadas pelo prof. Mendoza teimam em descrever o tipo físico do marido ausente.

O tema a *Mulher guerreira* é um curioso romance em que um velho pai alquebrado, vendo a pátria em perigo, lamenta não ter um filho varão para oferecer à batalha. A mais velha dentre as sete filhas dispõe-se a todos os distâncias, vencendo a obstinação paterna. Assimalem:

Versão espanhola da Extremadura, colhida por Bonifácio Gil Garcia:

— Tienes el pecho muy alto  
Para pasá por varón  
— Pero me lo ocultaré  
Dentro de mi corazón.

Versão portuguesa do Minho, do prof. Pires de Lima:

— Tens uns peitos altos  
Eles te conhescerão  
— Dê-me um colete de homem  
Que eles abaixarão.

Versão espanhola de Menéndez Pidal:

— Conocerante en los pechos  
Que asoman bajo el jubón  
— Yo los apretaré, padre,  
Al par de mi corazón.

Versão brasileira do Tibáu, por mim anotada:

— Tendes os peitos mui altos  
Filha, te conhescerão,  
— Meu pai, com o peso das armas  
Eles se abaixarão.

Versão portuguesa do Algarve, de Ataíde de Oliveira:

— Não irás à guerra, filha,  
Logo te conhescerão,  
Tens o peito de mulher  
De mulher, que d'homem não  
— Manda fazer um petílio  
Que me aperte o coração  
Dê-me armas e cavalo  
Quero ir a Mazagão.

Deste outro, de evidente procedência peninsular, tenho visto poucas variantes:

Mais alta dona se via  
Altas torres tem Toledo  
Aonde criou-se Inês  
Filha do rei Dom Rodrigo.

Seu pai não na dava a conde,  
Nem a duque, nem a marquês,  
Nem a peso de dinheiro  
Aonde pesou-se Inês.

Veio logo o Duque Franco,  
Furtou a filha do rei  
Onde ela ia chorando  
Lágrimas de três em três.

— Por que tu choras, senhora,  
Por que tu choras, Inês?  
— Choro por minha ventura  
Que eu não sei pra que serél.

— A tua ventura, senhora,  
Eu já te digo pra que  
De noite comigo em braços  
De dia comer e beber.

Si choras por teus irmãos  
Todos três já os matei  
Si choras por pai e mãe  
Esses nunca os vereis.

— Empresta-me, Duque Franco,  
O teu punhal holandês,  
Para descober as barbas  
Que a minha mãe me fêz.

(O conde, como bom homem,  
Foi cabô lhe o deu).

— Essa vai por pai e mãe  
E essa por manos três,

Esta por minha ventura  
Que eu não sei pra que serél  
Para que me matas, senhora,  
Para que me matas, Inês?

Agora eu quizeria ver  
Quem te levara outra vés.  
— Cavalos que me trouxeram  
Me levarão outra vés  
Para as terras de Toledo  
Aonde criou-se Inês.

Este outro romance, raro no Brasil, tem a mesma procedência:

Cristiano vira-te  
De cristão turco arrengado  
Que meu pai te faz aíferes  
Capitão do seu reino

(Continua na pag. 15)

# A FUGA

## Conto de Gastão de Holanda

Esmeralda chegou ao Banco com o coração oprimido. Atrás da quinze minutos. Passou em frente à carteira do contador, pronunciou um bom dia mais timido do que amável e encaminhou-se para a folha de ponto, ainda pendurada. Ao lado de um número a moça riscou a lápis as iniciais E. P. e encaminhou-se para o elevador. Premiu o botão elétrico e viu-se negligente para o salão onde os seus colegas se absorviam no trabalho.

Esmeralda é bastante alta e delgada. Pelos seus gestos alongados, notamos facilmente que é dessas criaturas maleáveis, de uma timidez dócil. A testa larga, ligeiramente inclinada para trás, continua a mesma linha do nariz. Nada no seu rosto, cujos ângulos dão a impressão de desgastados pelo vento, indica expressão voluntaria. Há na sua fisionomia certa imobilidade de estátua, uma serenidade adquirida com o tempo. Os lábios finos quando se descorram em sorriso, todo o rosto é banhado por uma luz de crepúsculo, musical, que parece desprender-se dos olhos castanhos. Estas, como se fossem feitos de um óleo fino, vivem a refletir a sua passividade diante do mundo, um caráter de conformismo solitário. Esmeralda é só e imponente diante dos homens como um seixo que rola nas areias, sob a ação do mar.

Enquanto esperava o elevador, sentiu-se isolada, numa evidência incômoda. Daí a pouco via-se diante de carteleria, extranhou um leve calor que subia ao rosto, espalhando-se pelas orelhas. As mãos, frias, ligeiramente trêmulas, estavam cobertas por uma camada de suor, um verniz transparente e viscoso. Ela pôs a bolsa e o romance sobre a mesa, e, antes de abrir as gavetas, contentou-se as palmas das mãos com serenidade. Ao longe, parecia examinar uma joia. De perto, assemelhava-se a uma quiromante augurando o próprio destino. Os seus olhos passavam pelas linhas brilhantes de suor, e detinham-se no M. maestro, nitido e caprichoso como o do seu professor de alemão: MIT WEN SIND SIE ANGEKOMMEN? Esmeralda ouvia as palavras guturais do velho, mandando que as moças copiassem: Com quem você se encontrou? Depois de recordar aquele manuscrito regular e incrivelmente disciplinado, veio-lhe a idéia da morte, que saltava de uma para outra mão, como um pássaro, até assentar na extremidade das unhas escravadas. Os dedos formaram-se cerrando, primeiro em concha, depois num gesto automático, como governados por um comando invisível.

Mas Esmeralda lembrou-se de que estava no trabalho. Levantou a cabeça e encontrou o relógio octogonal na parede da frente: oito e trinta. Não se desculpava de si trato. Que proveito lograria com isso? De vez em quando tudo perdia para ela a significação, tudo era inde-

terminado, como há vários meses atrás... "Pedro, onde anda Pedro, agora?" Desceu os olhos do relógio e as mãos escorregaram pelo vestido, provocando uma sensação agradável. A seda era macia, suave ao contacto, quase sensível. Guardou a bolsa, o romance e disse consigo, um pouco resoluta: "Bem, agora o trabalho".

Duas das suas colegas passaram por ela e a cumprimentaram com amabilidade.

— Como vai, querida, respondeu à última.

Era Rachel, uma rapariga de idade indeterminada, a quem Esmeralda confiava um tanto das suas inquietações. Viva, louça, em muitas ocasiões agia pelos outros, animando e aconselhando. No Banco, os superiores exaltavam com discrição o seu espírito diligente, confiando-lhe tarefas de responsabilidade. Alguns rapazes se queixavam de injustiça amotinando-se com os elogios da administração, desviados para uma mulher. Mas Rachel não se indisponha com ninguém, resolvendo tudo com um gesto gracioso, um sorriso amigo, arrancando dos colegas a confiança necessária. Fóra, diziam mal dela, muita gente a tomava em conta de leviana. Os mais intrigantes, referiam-se às suas "facilidades", inspirados no seu corpo forte e carnudo, nos seus seios proeminentes. A's vezes, Rachel caricaturava-as pessoas que não lhe caiam no agrado. Era inteligente e espontâneo o seu desenho, embora elementar. Com elas, transformava as criaturas em seres grotescos, animalizados e estúpidos. Pilherando uma vez com Esmeralda, fez um esboço, em que a amiga parecia uma figura mitológica: uma mulher de expressão docce, trazendo numa das mãos um ramo de oliveira e na outra uma cornucópia.

Agora, Esmeralda acomodava com um olhar maternal, complacente e a certa altura inveja a vivacidade da colega. Ela até onde pode chegar a sua iniciativa. Pensa, ao mesmo tempo censurando: "Como pude fazê-la ignorar durante tanto tempo?" Hoje, se saíssem juntas, à tarde confiaria à amiga o único segredo da sua vida. A quilo a que não dava muita importância, mas que a inquietava como se o seu segredo não fosse uma coisa legal. Não era capaz de, sozinha, julgar Pedro um traidor. Mas, através dos outros, através do mundo, tinha que juzgá-lo assim, mesmo contra a sua vontade. Não considerava o abandono uma traição, mas algo de repugnante, de inferior. Sentia-se mal, porque transferia para si aquela repugnância e era como contemplar no espelho uma esquálida figura. Sentiu alívio quando contou a Rachel a sua história, dissimulada durante quatro meses.

Passaram alguns minutos das cinco horas da tarde. Esmeralda e Rachel, juntas, são duas figuras desiguais. Resvalam na multidão que encobre as ruas e continuam a

pressadas, como à procura de alguém que as espera. Trocam palavras sem importância, notas vagas, que se perdem na algazarra da cidade, como o prelúdio frugal de uma narrativa. A princípio, elas caminhavam sem direção, apenas levadas por aquela descontrolada onda humana. Depois, como dois animais que farejam, dobram a esquina e atravessam a rua. Rachel havia dito:

— Sim, na sorveteria é melhor.

Entraram, procurando um lugar discreto. Sentaram-se. Vem um garçom escorando-se na mesa, e pôr sobre as moças, com olhar interrogativo. O homem desaparece em seguida e ambas esperam o sorvete, mudas, observando desinteressadamente o movimento da casa. Em pouco tempo, Rachel está de frente para a companheira, numa expectativa que não pode ser mais disfarçada. Ela inquietava-se pela outra. Conhecia-a intimamente, o necessário para avaliar qualquer coisa de grave no seu convite.

Depois de uma colherada de creme, Esmeralda descansou a mão sobre o mármore da mesa e perguntou para si mesma: Agora? Rachel encarou-a, respondendo com o olhar: Vamos, que fale aí.

— Você, com certeza, ignora que eu não seja mais uma virgem.

Era uma frase por demais rude, que batia em pleno rosto da outra como um bafo escaldante. Rachel jamais esperaria palavras tão duras, tão incisivas, ditas com aquela simplicidade passante.

Toda timidez de Esmeralda, toda sua natureza de animal passivo, obediente e humilde, transmutava-se em incrível franqueza. A virgindade interessava-lhe pouco, mas a força de que se revestia a confissão escandalizava-a. O que saiu, porém, como resposta, foi uma frase discrepante:

— Posso compreender, minha querida.

— Aos domingos, eu costumava acompanhar Pedro aos seus passeios, geralmente fóra da cidade. Ora o campo, ora a praia. Como é natural, esses lugares mais desertos são sempre os preferidos pelos namorados. E nós tínhamos toda a facilidade em sair sózinhos porque já éramos noivos. Numa dessas tardes, aconteceu o que lhe disse. O mar estava tão belo sob o crepúsculo. E que podia eu recusar a Pedro? O desejo dele era grande, Rachel, incontraível. Mas, depois, compreendi que não havia amor em nada do que ele fez. Ele também se aproveitou da minha inexperiência.

Esmeralda vacila, mas prossegue, no mesmo tom desapaixonado, apenas de recordação:

— Já estava escuro quando nos levantavam da areia. Durante toda noite, senti a pressão do corpo dele e ainda parecia escutar as palavras que se misturavam com o vento. Fizemos projetos, pensamos em construir uma ca-

sa pelo Instituto. Depois, nunca mais apareceu, tendo me escrito um bilhete, onde dizia ter sido transferido e obrigado a partir imediatamente para Maceió.

— E seu pai?

— Também não sabe de nada. Ninguém sabe a não ser você, agora.

— Mas não pode ficar assim, meu bem. Ele tem que se casar com você.

Esmeralda baixou os olhos, numa pausa, alisando vagarosamente com a colher a bala de creme. Depois sorriu, pálida, e arrematou:

— O não ter ficado grávida já foi uma felicidade para mim, não acha?

Rachel tremia de indignação. A um gesto mais rápido, os seus seios ondularam e ela teve de acrescentar, quase gritando:

— É incrível! Esse miserável tem de voltar. Comigo não teria acontecido uma coisa dessas. Em seguida, ponderando, segurou a mão calida da amiga e disse:

— Você me dá licença para contar tudo ao seu pai?

Esmeralda não respondeu logo. Misteriosamente, ela conseguiu neutralizar a sua tragédia, fazendo-se sentir mal nos outros. Por grande que fosse a sua solidão, não conseguia torná-la palpável. Era em tudo e por tudo uma sensibilidade neutra. Rachel insistiu de maneira mais convincente, como se estivesse procurando salvar uma filha e a resposta veio como uma evasão:

Nenhuma providência terá resultado. Pedro está longe, provavelmente já me esqueceu. Será mais uma contrariedade para meu pai e você não imagina como me sentiria encabulada com a notícia de meu casamento pelos jornais. Depois, os colegas... Suponhamos que Pedro se recusasse, não era uma vergonha?

— Impossível, afirmou Rachel, meio dramática. Ele não pode se recusar. Por minha vontade, não persegui-lo até nos infernos. Seu pai saberá de tudo hoje mesmo, em seguida.

Enquanto procurava o garçom, ríspida e autoritária, Rachel murmurava entre dentes, com sincera indignação: os homens, são todos uns imundos.



do. Nessas ocasiões, esgotava a tropa que se movimentava, suarenta, sob os gritos de comando e sob o peso do fuzil que duplicava, triplicava. Os recrutas chegavam a ônibus, dizendo: Mas em Pedro, tudo era arrogância e autoridade. Esqueceu os estudos, abandonou completamente os compêndios de anatomia. Não adiantava aprender que o coração tinha movimentos de sítio e diástole. Nada de detalhes. Para um soldado que interessa é saber se sofre ou não do coração, se tem resistência para uma marcha de sessenta quilômetros, se tem bons pulmões. Depois, nos momentos de amor, se existe uma bela mulher, carinhosa e tolerante e se o homem é forte e viril.

Nessa época, o sargento começou a namorar Esmeralda. Ela não simpatizava com a farda. Sempre pensou que o soldado é um homem demasiadamente autoritário e brusco. Mas o rapaz fazia exceção. O seu olhar era inteligente ao mesmo tempo que meigo e lhe transmitia um calor que dentro de toda a sua indiferença pelos homens, amou-o e afeitou-o.

Além de não se conformar com aquela viagem estúpida. Pedro estava visivelmente irritado. No trem que ora cortava as serras, ora se conduzia através da imensa planície verde, vinha ruminando a sua dor, a saudade da sua amante. Maceió afastava-se a cada minuto e dentro de oito horas, estaria finda a viagem. A sua angústia aumentava

(Continua na pag. 14)

## Falam os Críticos

UM TRABALHO MAGNÍFICO DE PESQUISA

"Com o livro que o sr. José Antônio Gonçalves de Melo Neto, anuncia de fazer publicar pela Livraria José Olympio (1), a inteligência pernambucana reafirma e reúne alguns dos seus melhores títulos".

(Candido da Mota Filho — "Diário de Pernambuco" — 22-6-1947).

## LUCIDEZ PÓRTICA DE CASTRO ALVES

"No entanto, o sr. Luiz Delgado não é homem para se impressionar com a quantidade em literatura, mesmo porque sempre foi um escritor quantitativamente discreto. E a sua famosa esclarece: "...o sr. Luiz Delgado manifestou-se pela desclassificação de todos os trabalhos, cujas qualidades literárias julgou insuficientes para que alcançassem qualquer grau de classificação, bem como os respectivos prêmios". Diante disto fui reter as monografias sobre Eça de Queiroz, em magnífico volume da D. D. C. E., depois disto, fiquei a conjecturar — quais teriam sido as outras peças no caminho de um tema tão sugestivo como o de falar da poesia de Castro Alves? E' verdade que na literatura brasileira dos nossos dias poucos são os críticos que excursionam pelos livros de poesia, muito embora passem livremente pelos de ficção, de sociologia e de política. No caso de Castro Alves, a coisa muda de figura porque a sua poesia é mais fácil de ler do que a de qualquer outro poeta brasileiro. Quando digo ser a sua poesia mais fácil de ler, a sugestão me vem da leitura de um ensaio de T. S. Eliot sobre a poesia de Dante onde o poeta e engaista inglês demonstra que a poesia do autor da "Divina Comédia" possui a clareza latina que trazem em suas alegorias e metáforas o milagre do universalismo. Pois o nosso Castro Alves, tão verboso e ao mesmo tempo tão auditível e visual na sua poética, é, como gozar de afirmar, o único poeta nacional que pode ser lido e sentido por qualquer leitor, — desde o primário até o da sensibilidade mais elevada. A lucidez poética, que T. S. Eliot encontrou em Dante superior a de Shakespeare, existe, talvez, em uma forma tropicalmente mais forte na poesia de Castro Alves".

(Aderval Jurema — "Diário da Noite" — 19-6-1947).

## O "FOLCLORE DOS BANDEIRANTES"

"SÃO PAULO, maio — Só agora me foi dada a oportunidade de ler o ensaio de Joaquim Ribeiro sobre o "folclore dos bandeirantes". O livro insinuava-se pelo título e principalmente pela autoridade do autor que é inegavelmente uma das grandes autoridades em assunto de folclore. E o que faltava para o bandeirismo, Joaquim Ribeiro procurou completar, mostrando que ele em grande parte, revela a formação espiritual das populações do Centro e Sul do país. Conseguiu assim, com vigorosa honestidade mental, anunciar um passado descrito e interpretado, pondo diante de nós a sua alma, na sua espontaneidade e inocência.

Depois de ter lido Alcântara Machado e depois de ter lido Cassiano Ricardo, eu senti como que o desenrolar do fenômeno exterior da bandeira e, com ele, seu significado social, econômico e político. Faltava algo sobre a intimidade. Tíchamos o homem transformando a paisagem.

Faltava para nós, o homem transfigurado ou influenciado pela paisagem.

TODOS OS LIVROS  
COMPRADOS NA  
LIVRARIA UNI-  
VERSAL TEM  
DESCONTOS ESPE-  
CIAIS

LIVRARIA  
UNIVERSAL

Av. Rio Branco, 50  
RECIFE —

Com Joaquim Ribeiro já avisamos assim a alma bandeirante, entramos na história, provoca pelos acontecimentos, pelos imprevistos e pela força sugestiva da terra ignorada e da paisagem surpreendente".

(Candido da Mota Filho — "Diário de Pernambuco" — 22-6-1947).

## O LIVRO DO MES

TEMPO DOS FLAMEN-  
GOS, de José Antônio Gon-  
çalves de Melo, neto.

NORDESTE indica aos leitores o livro "Tempo dos Flamengos", do jovem escritor pernambucano, sr. José Antônio Gonçalves de Melo, neto, como a melhor obra publicada neste último trimestre. Trata-se de um livro de estreia revelador. As suas qualidades que o jovem escritor pernambucano demonstrou no domínio das pesquisas históricas fazem de seu trabalho uma verdadeira e notável obra de história brasileira no que concerne ao período do chamado tempo dos flamengos.

Tem razão o mestre de Apíacos, sr. Gilberto Freyre, quando, no prefácio desse livro, salientou que o sr. José Antônio Gonçalves de Melo, neto, é um dos nossos mais intuitivos tempramentos de crítico, desejasse um pouco mais de imaginação na feitura dos capítulos de "Tempo dos Flamengos", o sr. Luiz Delgado, — que é sempre muito severo na sua crítica (ai estão os concorrentes do concurso de monografias sobre Castro Alves para reforçar esta opinião), afirmou que a falta de fôlego de imaginativa do sr. José Antônio não prejudicou, antes, pelo contrário, pôs em relevo a seriedade e grandeza do livro.

"Tempo dos Flamengos", como se vê, está sendo uma obra discutida pela boa crítica. — crítico unânime em afirmar,

também, que de agora por diante ninguém poderá escrever sobre a passagem dos holandeses pelo Brasil seu consultar a obra de mestre do novo historiografo pernambucano. O público, no Recife, correspondeu ao mérito do trabalho e aos 14 anos de estudo e pesquisas do autor, pois os exemplares que José Olympio mandou para Pernambuco voaram das prateleiras das livrarias. Tudo isto indica a aceitação magnífica do livro e, em particular, adverte o grande leitor do sul da necessidade de abrir, quanto antes, uma filial de sua casa editora no Recife.

O sr. José Antônio Gonçalves de Melo, neto, estudando os documentos oficiais da época, traduziu tudo o que encontrou com o seu faro do pesquisador incansável, analisandometiculosamente os arquivos do Instituto Arqueológico de Pernambuco, — argumenta que, se diga da corrida, andam meio ruidos pelas tracas, — realizou uma obra que faz jus ao título de historiografo do Brasil holandês. Através das páginas claras e sem excessos de comentários, o estudioso brasileiro encontrará nesse livro um abundante material para entender, com segurança, até onde chegou a influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil".

Com o livro "Tempo dos Flamengos", 5º volume da coleção "Documentos Brasileiros", edição da Livraria José Olympio, abre-se um novo capítulo para a historiografia pernambucana e mesmo brasileira. — A. J.

## REVISTAS

"Província de São Pedro" — 7 — Esta publicação, dirigida pelo escritor Moisés Vellinho, continua a ser a melhor revista literária brasileira. Neste número destacam-se as colaborações das sras. A. Carneiro Leão, Gilberto Freyre, Augusto Meyer, Erico Verissimo, José Geraldo Vieira, Rodrigo M. F. de Andrade, Mário Quintana, Wilson Martins, Cecília Meirelles, Carlos Reverbel e Paulo Rónai. "Província de São Pedro" tem mantido fiel ao seu programa. Editada pela Livraria do Glôbo, de Porto Alegre, não assombra, nem de leve, em seus números, nenhum particularismo regionalista. Antes, pelo contrário, o sadio regionalismo que a revista do sr. Moisés Vellinho informa em suas páginas vem concorrendo para um maior enriquecimento da literatura nacional.

"Região" — 4, ano III — A revista pernambucana do sr. Edson Regis publica trabalhos dos srs. Edson Nery da Fonseca, Vicente do Rêgo Monteiro, Carlos Moreira, José Laurêncio de Melo, Joel Pontes, Haroldo Bruno, Mauro Mota, Joaquim Cardoso e outros. Louvável esforço do sr. Edson Regis em manter uma revista como "Região", aquí, no Recife. Há, no entanto, um excesso de poemas neste número e, sobretudo, uma tendência imoderada para as letras francesas, letras francesas nem sempre de primeira qualidade. Quem é, afinal, esse George? Que interesse há para os leitores em estampar o "ex-libris" de um tal Jean Gonçalves? Se fôssemos deduzir a sensibilidade poética desse poeta pelo seu "ex-libris", que lembra mais um cíngulo de baralho, coitado deles. Perdoe-nos o sr. Edson Regis, mas as suas "notas para encadear espaço em branco" não encaram coisa nenhuma, nem falar no uso e abuso da prosa e da poesia do pintor Vicente do Rêgo Monteiro. Publiquem desenhos de Monteiro, isto sim, que é pintor de verdade e nada mais.

(Otto Maria Carneiro — "O Jornal" — Rio, 29-6-1947).

"A Ordem" — vol. XXXVII n.º

## Falam os Editores

OS COSSACOS, DE MAURICE HINDUS

(Aba de romance "Cossacos", edição da Livraria José Olympio — Rio, 1947).

"Entre terríveis batalhas, sabres foscantes, um exército de Cossacos galopou o terreno aberto e com uma fúria tremenda cortou uma divisão Panzer em pedaços. Isto foi no verão de 1942, e o general russo Kirchenko disse depois da batalha: 'seriam precisos oito dias para enterrar os mortos'".

"ZOLA E SEU TEMPO", DE MATTHEW JOSEPHSON

"De todos os escritores franceses da segunda metade do século XIX, foi Emile Zola o mais lido e o mais violentamente discutido. Cada obra que lançava, desencadeava uma tempestade. Tiveram, todas elas, as horas de uma crítica apaixonada.

"De sua vida e de seu tempo, traçou-nos um quadro magnífico o sr. Matthew Josephson, que nos evoca em páginas ardentes, de minuciosa precisão, os principais episódios da carreira desse notável escritor que tanta celeuma provocou".

(Aba da tradução de Wilson Veloso — edição da Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1947).

"AS AMÉRICAS ANTES DOS EUROPEUS", DE LUIS AMARAL

"Dispondo de recursos bibliográficos inteiramente novos para nós, jamais compilados no Continente de cá, o autor demonstra-se no comprovar afirmações que, despidas de dossier, pareceriam chocantes. Decepções quando, por exemplo, mostra a origem incontestavelmente estrangeira da cerâmica dita marajoara; ou alegria-nos, ao mostrarmos os humildes incâncas praticando a asepsia, séculos antes de Pasteur; ou fazendo trepanações cranianas, centúrias antes de Broca e Virchow. Sendo talvez o primeiro a compilar aqui a bíblia amerindia, jogava vantajosamente com ela, em paralelo à mosaica, e aponta a todos os sacramentos e mistérios que, templos depois, iriam constituir os mistérios e os sacramentos do cristianismo".

(Aba do livro "As Américas antes dos europeus", de Luis Amaral, edição Ilustrada da Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1947).

## Nas Livrarias

As livrarias do Recife exibiram, com sucesso, o novo romance da sra. Carolina Nabuco, autora de uma magnífica biografia sobre seu pai, Joaquim Nabuco e a ficcionista de "A Sucessora" que a autora de "Rebeca" plagiou. O romance intitulado "Chama e Cinzas", — foi editado pela Livraria José Olympio, do Rio.

\* \* \*

A editora AGIR acaba de lançar, com notável repercussão na crítica nacional, os dois primeiros volumes da sra. Raissa Maritain: AS GRANDES AMIZADES. A tradução de Joséfa Marques de Oliveira está muito boa e o livro enfeixa os dois primeiros volumes da série que a mulher de Jacques Maritain está escrevendo sobre os grandes amigos que o casal conheceu durante a sua evolução espiritual. Leon Bloy, Péguy, Bergson e tanto outros são objeto de admiráveis estudos da sra. Raissa Maritain. Essas "Memórias" não podem ser esquecidas e devem merecer do leitor brasileiro uma atenção toda especial.

\* \* \*

A Livraria do Globo, na sua coleção "Biblioteca dos Séculos", publicou uma 2a. edição de "Romeu e Julieta", de Shakespeare, na admirável tradução brasileira do sr. Onofrealdo de Pennafort. A mais conhecida e popular tragédia de William Shakespeare encontrou no poeta Pennafort o tradutor que merecia.

\* \* \*

Mais dois excelentes volumes da "Coleção Tucano", da Livraria do Globo: "O destino bate à porta", novela americana de James M. Cain, e "O Barbeiro de Sevilha", a clássica comédia em 4 atos de Beaumarchais.

\* \* \*

A crítica brasileira recebeu com efusões entusiásticas o novo livro de poemas de Alphonse de Guimaraens Filho. "Poesias" foi lançado no mercado livreiro em edição da Livraria do Globo, de Porto Alegre.

\* \* \*

Já está anunciada uma segunda edição da Geografia da Fome, do escritor pernambucano, sr. José de Castro. "Geografia da Fome" foi lançada em edições Cruzeiro e alcançou o prêmio "Patrícia Calogeras", de 1946.

# POEMAS DE EDSON RÉGIS

## CANÇÃO DA VILA

Uma canção singela nessa noite  
Tomou-me todo misteriosamente:  
Foi a canção que ouvi há muitos anos  
Na vila onde passei a minha infância.

Na canção veio a música dos pássaros  
(Dos sabiás da mata e dos canários)  
Pelos quais o meu pai dava altos preços  
E Agrípino o melhor dos seus cuidados.

A canção ainda trouxe as vozes doces  
Das meninas que vinham das Fazendas  
Dançar ao som da banda de Patrício.

— Canção da vila, deixa os meus ouvidos:  
Tu és a minha vida de menino,  
O tempo que voou no gramofone.

## PONTO ZERO

Nada mais que desgraças e lamentos,  
Nada mais que silêncio por desprêzo,  
Nada mais que plumagens estragadas,  
Nada mais que as origens não sabidas.

Apóstolos, o galo, as negativas,  
Os esforços perdidos, os enganos,  
Era nova, os inúteis sacrifícios,  
O mar a jogar algas no horizonte.

Nada mais que os desvios que confundem,  
Nada mais que Eva e Adão no Paraíso,  
Nada mais que milhões degenerados.

Os mesmos jogos sobre as mesmas lèguas,  
O mundo enférme, pálido, sem nome,  
O céu antigo está se desplumando.

## O ABANDONADO

## A MARCHA CONSTANTE

Pensamento claro  
Na manhã brumosa  
Fácilmente exposto  
(Anuciando sonhos?)

Quantas horas frias  
Já passando vão  
Encurtando a vida  
Do seu coração.

E o menino triste  
Vê o sonho andando  
Sem poder prendê-lo.

Para que falar  
Sobre tristes coisas  
Se ele quer chorar?

## A MARCHA

Nada mais:  
Nas esquinas  
As violências  
Julgamentos  
Essenciais.

Nada mais:  
Pai e filho  
Equivalentes  
Nas bandejas  
Restos mortais.

Nada mais:  
O choque apenas  
Luz e treva  
Os espíritos  
Frios metais.

Nada mais:  
Baixarinas de aço  
Correm mundo  
Abalam árvores  
São vendavais.

Nada mais:  
A luta sempre  
O mesmo jôgo  
A morte certa  
Os mesmos aís.

## FANTASMAS DO RIO UNA

Ô fantasmas do Rio Una,  
Que à noite acordais as virgens,  
Lindos sonhos desfazendo,  
Matando tantos amores,  
Tantos desejos guardados,  
Deixando tanta amargura.

Ô fantasmas do Rio Una,  
Não tenteis as virgens puras:  
— A dos cabelos da noite —  
— A dos olhos luz de estrelas —  
— A dos seios cor de leite —  
As virgens dos meus pecados.

Que moça deixou o mundo  
Das margens do Rio Una?  
Com medo dos seus fantasmas?  
— A dos cabelos da noite —  
— A dos olhos luz de estrelas —  
— A dos seios cor de leite —

Quantos sonhos não morreram  
Altas noites no Rio Una!  
(Desespero irmão da morte.)  
Quantas moças já não viram  
Os olhos dos seus amados  
Nas águas mansas do Rio?

Quando as águas do Rio Una  
De longe trazem fantasmas  
As virgens não têm socorro:

Fugiu a calma de tudo  
Perdeu-se a face encontrada  
Não vejo estrelas no céu  
Não há navios no mar

Os bouques já não florescem  
São muito tristes os dias  
A noiva não quer mais vêu  
Quer o filho ao pai mandar

O deserto está crescendo  
Rubro sangue está correndo  
Não vejo estrelas no céu  
Não há navios no mar

Pra tudo a morte o seu deido  
Aposta espalhando o medo  
Oh meu Deus tanto escarcê  
Tanto mal a se espalhar!

Não vejo estrelas no céu  
Não há navios no mar

## NOTAS DE UM DIÁRIO

Algida noite  
Tortuosos caminhos  
A posse da amada  
O desespero e a loucura.

A sombra do corpo  
Grave nas retinas  
Nem uma palavra  
Agonia do espírito.

Estranho perigo  
Diferentes encontros  
Projetos sacrificados  
Convites ao suicídio.

Ua mulher triste  
Lágrimas nas faces  
Páginas do Eclesiastes  
Ausência de música.

Em prais distante  
Uma virgem calma  
Dias da madrugada  
Um processo um crime.

O mundo não vale o Rio,  
Os fantasmas viram gente,  
Os sonhos viram palavras.

## APELO A PERMANÊNCIA DA FRANÇA

O França, ô doce França, doce e eterna.  
Sei bem que atravessaste uma noite muito escura  
E que a estátua de Lautreamont foi sobrevoada  
Pelo olhos do inimigo nesta noite muito escura.

O França, ô doce França, doce e eterna,  
Doce como os versos dos teus poetas, eterna como os rios brancos,  
Não posso sonhar sob a luz das tuas estrelas  
Mas não posso também esquecer-te, não posso.

O França, ô doce França, doce e eterna,  
Que o teu vinho suave como os versos dos teus poetas  
Não se acabe antes que os ventos frios das madrugadas  
Se atirem contra os meus ossos quando se tornarem infelizes.

O França, ô doce França, doce e eterna,  
País do meu corpo estranho e distante,  
Que as luzes de Paris nunca mais se apaguem  
Para que os teus poetas permaneçam para sempre no meu espírito.

## ACONTECIMENTO DE JUNHO

Agora deixa que eu te veja em palavras  
Naquele primeiro momento de junho  
O teu corpo era um súbito impecável  
Com um estranho som de eternidade.

Houve a ausência de todas as amadas  
Os seus olhos mataram todas — até as lembranças —  
Tocavam o meu coração entre espaços vazios  
Imagem de sonho em atmosfera limitada embora longe.

Aqueles rostos se transformaram com os primeiros ventos  
Aqueles águas molham outros corpos distantes da gente  
Aqueles gestos seus que ninguém vira tão simples  
Aqueles gestos sólidos palavras de hoje palavras sérias.

Havia alguma coisa triste nos teus olhos.  
A passagem do sonho? O tempo e o espaço do futuro?

A tua voz cai dentro dos meus dias  
E o meu sono fugiu para o teu corpo.

Havia chuva sobre as coisas eu via junho frio  
Queria cobrir o teu corpo de peixes marinhas  
E encontrar uma atmosfera de sonho sem limite  
Para o nosso descanso de junho a junho.

## SORRETUDO A NOITE

Nada posso contra a noite  
Que consome os teus cabelos,  
Nem mesmo fazer um verso.

Também não posso esta noite  
Preparar a tua fuga,  
Te guardar num violino.

A noite caiu nas ruas,  
Nas mãos das tuas amigas,  
No meu corpo, nos meus gestos.

Nas sementes e nos frutos,  
Nos evadidos da lua,  
Nos olhos dos patriarcas.

Cai o tempo nos religiosos,  
Nas circunstâncias dos homens,  
No público angustiado.

Com rapidez de relâmpago  
Apaga o tempo as lembranças  
Da pouca infância que tive.

Sobre as abelhas em fúria  
E nas saudades das noivas  
O tempo é fogo terrível.

Os olhos definitivos  
De Maria, a sua boca,  
Horas da noite perseguem.

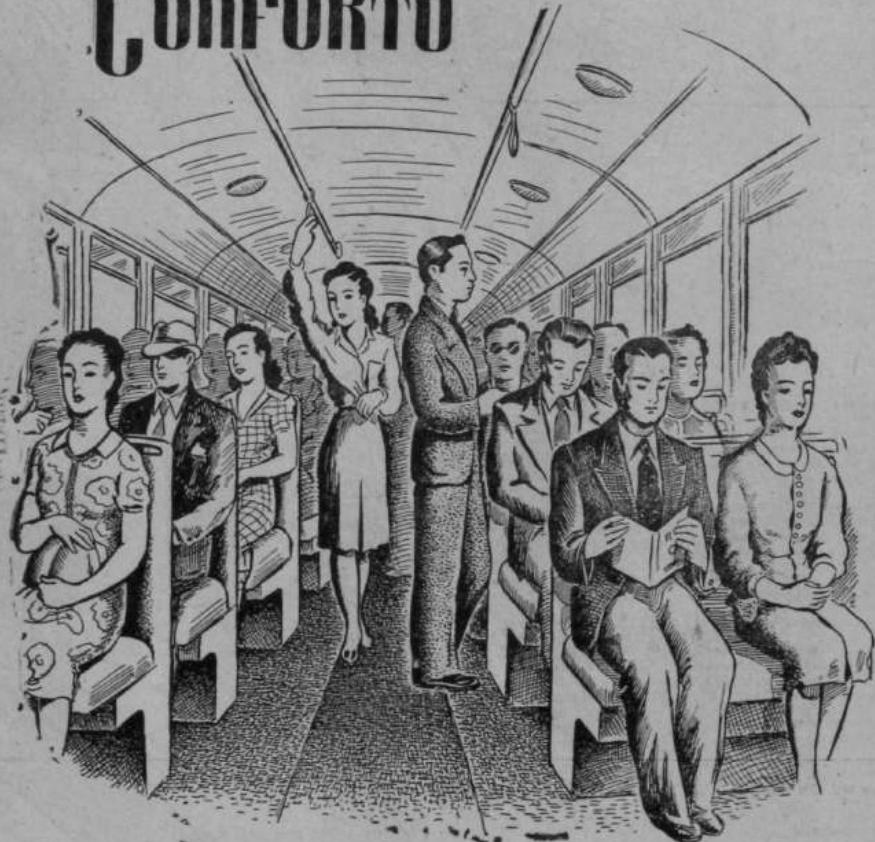
Nada posso contra a noite  
Que consome os teus cabelos,  
Nem mesmo fazer um verso.

Vê, amiga, é impossível  
Preparar a tua fuga,  
Te guardar num violino.





# ConFORTO



## Viajar nos ônibus



... da Autoviária não é auxiliar a uma Empresa de transporte: é, principalmente, concorrer para o progresso do Recife.

**PERNAMBUCO "AUTOVIÁRIA" LIMITADA**

AVENIDA 10 DE NOVEMBRO, 131 - 5º AND. - FONE 6458

•Pelícano•



# Pintores Pernambucanos

Telles Júnior é considerado o patriarca de nossa pintura — pelo menos de nossa pintura moderna, em contacto com a vida e a paisagem que ainda se podem dizer atuais. É porém, um curioso patriarca que não deixou descendência. Embora tenha ensinado em colégios e mantido cursos particulares, não criou entre nós uma escola nem uma tradição de pintura.

Se viermos descendendo no tempo, vamos encontrar, depois dele, uma turma de artistas que não receberam suas lições, nem sua influência técnica, ainda que tenham recebido provavelmente o estímulo de seu combate isolado e tenaz. É a geração de Valfrido Maurício, Enrique Elliot, Alvaro Amorim, Baltazar da Câmara, Mário Nunes. O penúltimo dos citados ainda falou com ele algumas vezes mas o último não fez mais do que vê-lo à distância.

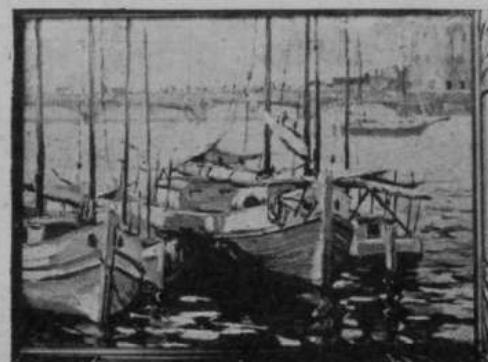
Com esses cinco pintores — dois dos quais já morreram — começa outro período da vida artística pernambucana, abrindo os horizontes para gente mais nova. Para documentá-lo, fomos ouvir Mário Nunes Baltazar da Câmara, no seu ateliê comum.

O companheirismo de trabalho que entre eles se estabeleceu desde vários anos não teve a mínima influência sobre suas técnicas e suas personalidades. Cada um continua em seus caminhos próprios. E esses caminhos são desiguais quase que desde a infância: Mário Nunes não teve mestres.

Menino de colégio, editou um jornalzinho intitulado "A Palheta" que seu companheiro Leovigildo Júnior redigia e ele ilustrava. A inclinação que desde cedo assim se entroncava fez-o meter-se na aventura de tirar a subsistência de trabalhos que a ele permanecessem ligados de um modo ou de outro: começou a pintar cenários quando viam ao Recife companhias teatrais e alegorias quando chegava o carnaval; sobretudo, pintava decorações murais em residências particulares — o que esteve em moda em certa época. E, tirando disso o seu pão de cada dia, dedicava as telas o resto do seu tempo e de suas energias. Realizou dessa maneira um aprendizado variado e espontâneo, concorrendo pela primeira vez, em 1918, no Salão Nacional de Belas Artes onde teve aceito um pequeno quadro "Pedras".

Baltazar da Câmara que também desenhava atô desde criança, encontrou, quando era aluno do Instituto Aires Gama, o pintor austríaco Franz Hopper que se interessou por suas qualidades e se pronunciou a ensiná-lhe desenho. Mais tarde, outro técnico da mesma nacionalidade, o litogravador Alberto Friedler, colocou-o na litografia de estampagem em folha de flandres de Ommundsen & Cia. Por intermédio do pintor Gutman Bicho — a quem fôr apresentado por Oliveira Lima — conheceu Carlos Chambelland que, no Recife, pintava quadros e decorações. Chambelland foi também professor de Baltazar que trabalhou como seu auxiliar imediato na execução de vários contratos de pinturas residenciais.

Definim-se desse modo as duas evoluções: Mário Nunes tinha por si o talento espontâneo, a arrancada individualista de sua



1) Mário Nunes — "Porto de barcaças".

2) Mário Nunes — "O mocambo da praia".

3) Baltazar da Câmara — "Rua do Caldererio".

vocação poderosa. Aprendia quase que ao acaso. Ainda hoje, é de ver a atenção silenciosa com que se posta diante dos quadros de cada pintor que expõe no Recife; e, reservado em seus julgamentos mas interiormente severo, aproxima-se dos melhores para analisar, comentar, informar-se. Suas viagens são também viagens de estudo. E, buscando em suas lembranças o traço das admirações que sentiu, evoca, em primeiro lugar, o velho Parreiras, o vigor meio rude daquela pincel tropical. Enquanto isso, Baltazar desenvolvia-se com as lições de meticulosos desenhistas de temperamento germânico. O convívio de Chambelland explica alguma coisa de seus temas: as feiras, o labo dos campos nas plantações da cana, uma documentação etnográfica e sociológica das mais interessantes. No entanto, havia de voltar a presença alemã na pessoa de Enrique Moser, seu associado e companheiro em inúmeros trabalhos, principalmente decoração de igrejas, como o fôrro da nave da basílica do Carmo.

Aqui, os dois pintores pernambucanos falam a mesma linguagem afetosa e comovida com relação a Moser.

A primeira exposição de quadros de Baltazar foi em conjunto com Moser, no saguão do Gabinete Português de Leitura, em 1922. No mesmo local e no mesmo ano, também, a primeira exposição de Mário Nunes.

Ambos levaram para fora do Estado as suas telas. Mário obteve medalha de bronze no Salão Nacional de 1927 e, no de 1930, medalha de prata, ficando assim "hors-concours" — o que quer dizer que seus quadros deixavam de ser submetidos ao juri de aceitação. Expôs no Rio Grande do Sul e tem quadros em muitas galerias do país e várias do estrangeiro. Baltazar, por sua vez, esteve no Pará, no Amazonas, na Paraíba, no Rio e em São Paulo, com exposições que se prolongaram sempre

enquanto o artista executava encomendas de decorações e, principalmente, de retratos. No Salão Nacional, obteve medalha de bronze com o retrato da poeta Ana Amélia Queiroz de Carneiro Mendonça, e de prata (hors-concours). Mário Nunes alcançou também o prêmio Pernambuco instituído pelo governo do Estado para um pintor contemporâneo classificado no Salão Nacional e, nos "salões" do Museu do Estado, medalhas de bronze, prata e ouro e o primeiro prêmio de 1943; foi um dos fundadores da Escola de Belas Artes de Per-

nambuco, al ocupando a cadeira de Paisagem. Tanto ele quanto Baltazar dedicam-se ainda, de alguns anos para cá, ao ensino de desenho em vários colégios do Recife.

Muito de nossa paisagem pernambucana, de nossos recantos de cidade e, sobretudo, de nossa luz, está consignado nas telas de Mário Nunes. Mantendo-se nas tradições clássicas, admirando Cezanne mas rejeitando Picasso — não o Picasso do "ciclo azul" mas o do cubismo — ele tem, no entanto, uma liberdade de movimento e de interpretação que revela a sua personalidade, bastante forte para ter encontrado sozinha os caminhos da própria expressão. Fala pouco a respeito de sua técnica: diz apenas que não detalha, que reproduz as massas por indicações sintéticas, que se exprime bem no seu violeta limpo ou nos seus amarelos que não encontram na natureza. Concilia dessa maneira as disciplinas que julga indispensáveis a toda arte, com a necessidade de inovação que julga indispensável a todo espírito. E realiza na sua pintura um equilíbrio pessoal que os olhos submissos a fórmulas feitas — fórmulas do academismo ou do modernismo, idênticas em suas deformações, — podem não ver mas que é sensível e brilhante.

Não se afasta da paisagem. Enquanto isso, Baltazar da Câmara percorre divergentes veredas: retratos e paisagens, quadros históricos e quadros simbólicos, anjos perdidos entre nubes e matutos carregando canas em carros de boi ou vendendo frutas nas feiras. Seu desenho é exato, conciente, seguro. Distribui as figuras pelos diversos planos de um grupo, com naturalidade, sem atropelos nem repetições, mantendo ar e espaço entre elas. Joga bem com a sombra e a luz nos panejamentos das roupas dos seus feireiros. Sob esses aspectos, sua pintura se habilita a documentar não só o seu temperamento como também certas manifestações de nossa existência coletiva.



Baltazar da Câmara — "Comprando batatas".

Leia neste  
número de

**NORDESTE**

as bases do  
sensacional  
concurso  
de romances

# BANCO AUXILIAR DO TRABALHO

SOCIEDADE COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE  
LIMITADA

Capital realizado ..... Cr\$ 710.470,00  
Fundo de reserva ..... Cr\$ 24.212,00

DEPÓSITOS A MELHORES JUROS

Dr. João de Godoy e Vasconcelos

Diretor-Presidente

Dr. Carlos Araújo

Diretor-Gerente

RUA SIQUEIRA CAMPOS, 100 -:-:- TELEFONE: 6258

# A FUGA

(Continuação da pág. 9)

gora, seria a sua desgraça. Esmeralda teria comunicado, e no entanto silenciou. Nem um queixume. Nem uma advertência partiu daquela mulher, fria, indolente. Chegava a odia-la, sob a lembrança da amante. Da alagoanisa, que lhe punha a cabeça morena e voluptuosa. Essa a rodar, que inventava mil maneiras de ser mulher. A que é que era uva fêmea. A outra, uma criança frágil, sem experiência na vida, sem saber amar, vivendo sob um irritante escrúpulo de filha de Maria. Para o inferno! Com essa boneca o obrigavam a casar-se. Que ironia! Tinha vontade de transformar a sua angústia em lágrimas, arrebentar num pranto convulso. Mas se o vissem chorando ali no trem? Um soldado debruçado em lágrimas, nada mais ridículo. casava, mas não viveria com Esmeralda. A isso ninguém o sujeitaria. Contudo precisava manter a amante na ignorância, por simples questão de conveniência. Pedro conhecia bem o coração das mulheres, e era natural que a alagoana tivesse alguma esperança. Quem sabe se todo o fogo de amante não residia no desejo de casar-se, de ter, mais tarde, uma vida mais garantida? Descobrindo, poderia abandoná-la. Ignorando, ela sempre estaria de cima, fazendo e desfazendo, sótê consolar-se... Isso o consolava

O trem deslisa rápido, iniciando uma curva mais apertada. O vagão estreito joga violentamente sobre os trilhos. Pedro, menos irritado com o destino, sente a sua angústia transformar-se em fome. Há quatro horas que não se alimenta. Levanta-se, sustentando-se no encosto do banco, e passa um rápido olhar para o janelão. O sol está forte, derramando sobre os canaviais uma luz intensa. O verde se prolonga indefinidamente e bem para lá daquelas terras, ao fundo, sob as nuvens que se desenham no azul, está uma cida- de que o espera, um juiz, uma mulher, e as testemunhas. Ah, que felicidade se ele pudesse dizer NAO!

Mesmo no quarei, Pedro e Antônio da Justa combinaram tudo. O velho, baixinho, de ligeiras papadas tri-

mulas, falou com o futuro genro sem poder encará-lo. Um grande sacrifício. A princípio não sabia o que dizer e a conversa, durante um pequeno espaço de tempo, reduziu-se a monossílabos equívocos. A má vontade de Pedro, a sua visível asperça, fizera com que Antônio da Justa procurasse a rua o mais depressa possível, convolto de chorar. Lamentava profundamente a desventura da filha, a quem tanto queria. Mas o culpado era ele, que desde a morte da sua mulher descobrira-se um pouco, dando à moça toda independência. Agora via que não agira com prudência e se admoestava da eterna frase com que respondia às consultas de Esmeralda: "Você é uma menina de juiz. O que fizer só pode ser de bom que fizer só pode ser de bem e não merece a minha reprovação". No dia seguinte seria uma das testemunhas daquele casamento formal. O que deveria fazer pela filha, depois? Desconhecia as intenções de Pedro. Iriam morar juntos? Como iria suportar aquele rapaz antípatico, entre as mesmas paredes, comendo na mesma mesa? Contudo, havia uma esperança: o tempo. Com o tempo, ele poderia amansar, com o tempo Antônio da Justa poderia até simpatizá-lo, considerá-lo como um filho. Sentia falta de um homem, em casa, com quem trocasse idéias da mesma natureza. Sairia menos, se dedicaria mais à vida do novo lar e quando nascesse um netinho tudo mudaria por completo. Ai, Antônio da Justa deu um suspiro em todas essas idéias, dizendo consigo: "Já estou com fício". Tinha muito que cuidar até o dia seguinte e era urgente que voltasse para casa. Esmeralda o esperava, com certo afilho. Mas ele não deixava transparecer nada. Jamais lhe contaria como o malandro lhe recebera.

Estavam todos diante do juiz: Antônio da Justa e Rachel, linda, como testemunhas de Esmeralda; duas escrivães, como testemunhas de Pedro. Houve um mal estar profundo, visível, incontestável, quando o magistrado perguntou se era de livre e espontânea vontade. De-

# COOPERATIVA Banco do Nordeste LIMITADA

Sede: RUA DO IMPERADOR N.º 310

Endereço Telegráfico: "BANORDESTE" — TELEFONE N.º 6269  
RECIFE — PERNAMBUCO

## EMPRÉSTIMOS — DECONTOS — DEPÓSITOS

Secção de ADMINISTRAÇÃO DE BENS com carteira especializada em LOTEAMENTO e VENDA de TERRENO urbano

ALCIDES MARROQUIM  
Presidente

WALDEMAR CARDOSO  
Gerente

na noite. Certamente o velho Antônio da Justa não suportaria chegar em casa e ver o pequeno lanche sobre a mesa. Os bolinhos, os doces, o guaraná, para as suas moças, a cervejinha para elas, os homens. Tudo isso sobre a toalha rendada que fôr da mulher e que ele próprio havia lebrado a Esmeralda para retirar da mala. A sua festa íntima não se realizaria. E a surpresa que tinha preparado em silêncio? Ah, como era cruel a sua sorte, como era triste a da sua Esmeralda! Pedro derrubou um golpe tremendo. Há muito tempo que o velho não se emocionava tão intensamente. Procurou o braço de Rachel, como quem busca uma coluna para se sustentar. Encontrou-o, aproximou

mais a moça para si e perguntou:

— Vamos embora?

Não havia mais nada a fazer. Ambos desceram compassadamente os degraus, enquanto Esmeralda os acompanhava, atrás. Traxia a bolsa sobre o peito e olhava para o pai, para a amiga, advinhando nêles a dor que deveria ser sua. Novamente os outros sofreram por ela. Novamente ela despencava-se do alto, para mergulhar na indiferença, no alheamento, na passividade total. Agora, todo mundo sofreria por ela. Sómente ela conseguiu fugir, escapar do seu próprio drama. Se Pedro voltasse, se tudo aquilo não passasse de uma brincadeira de mau gosto, ela o aceitaria, ela o tomava pelo braço e ambos caminhariam para o leito nupcial. Mas o seu marido a tinha recusado, justamente quando tudo estava fácil, quando ambos poderiam ter dormido juntos. Hoje, como sempre, ela dormiria só, talvez depois de ler algumas páginas de romance. O mesmo quarto a esperava, a mesma cama de solteiro — Antônio da Justa trataria de repartir nos seus lugares. Amanhã seguiria para o trabalho; apenas com a preocupação de mudar o nome, de evitar, provisoriamente, os colegas.

Rachel e o velho, porém, não dormiriam logo. Entrariam pela noite, sob uma desagradável impressão, inquietas com a vida de Esmeralda.

# THE GREAT WESTERN OF RAILWAY COMPANY LIMITED

## SERVIÇO DE BAGAGEM

Providencie o despacho de suas bagagens com a devida antecedência, evitando atropelos de última hora, cooperando assim para a marcha dos trens em seus horários.

Não procure conduzir, nos carros de passageiros, volumes excedentes de 30 quilos, pois volumes de maior peso e grandes dimensões podem ser apreendidos nos trens a fim de ser despachados, sendo aplicadas ao frete as tarifas em dóbro, com o peso mínimo de 50 quilos.

Verifique se suas bagagens estão distinguidas com o nome do recebedor e estação de destino, retirando dos volumes todos os disticos usados.

A falta de disticos muitas vezes resulta no desaparecimento de volumes e consequente aborrecimento a quem os despacha.

\*

## TOMAR O TREM EM MOVIMENTO É PERIGOSO

## COMODIDADE - RAPIDEZ - ECONOMIA - SEGURANÇA

Recife, 13 de maio de 1947.

A ADMINISTRAÇÃO

# O DIVINO PERDIGUEIRO

(Cont. da pag. 5)

rente a Terra, como jôia pendente do meu pulso, fraquejaram.

Débeis lâmes que eram para conter uma Terra sofreram arquejantes do meu espírito!

Seria o seu Amor, na verdade, jôia e jôia púrpura, que não permite florescer outro amor que o seu? Seria necessário que Ele carburasse o lenho, antes de com ele desenhar?

E a minha frescura orvalhava sobre o pé uma ga-

rôa suave! O meu coração não parecia uma fonte partida! As minhas lágrimas, gotejantes, não estagnavam ainda pensamentos que tritaciam de frio, nos ramos arquejantes do meu espírito!

— VIII —

Mas se assim era — o que viria depois? Amargo o cerne — qual o sabor da casca?

Presenteia, apenas, na obscuridade, o que o Tempo entre névoas confundia: ouvia a trombeta, de quando em quando, canglo-

rar, atrás das muralhas da Eternidade.

Revoltas as névoas, entreabrir-se-lá o Tempo e das tóres do Eterno, apenas entrevistas, lentamente refluíram os sons.

Antes, porém, já em pressentira. Quem tocariá a trombeta, envolto em vestes púrpuras e de cipreste coroado: conhecendo-lhe o Nome, sabia que a nunciação:

— Era para Ele a messe do coração humano, para Ele a sua vida. Mas os campos em que celiaria seriam

fecundados pela podridão da morte?

— IX —

E no lento perseguiu, a proximava-se, de mais a mais, o ruído: a sua Voz emergia de tudo, como ondas arrebatando: "A tua Terra estaria assim desfigurada, destruída, pedago por pedaço?

Sim, vê como tudo te fui só porque tu me fugiste. Ser estranho, inconstante, lastimável, por que te reservaria alguém qualquer afeto, já que ninguém, senão Eu, a Misericórdia, dá

valor ao nada?

O amor humano exige merecimento humano e como o merecias tu que, de toda a grosseira argila humana, eras o mais apagado fragmento? Não sabias ainda quão pouco digno de amor eras tu. E quem encontraria para te amar, senão Eu, só Eu?

Pois todo o que te retrei, tomei-o para a tua desgraça, mas para que o procurasses em Minhas mãos: tudo o que a tua ilusão pueril imagina perdido, guardo-o para ti: levanta-

te, toma a Minha mão e vem."

E assim pararam junto de mim aquelas Pés que me perseguiam, que me perseguem sem cessar.

Minhas trevas, afinal, eram apenas a sombra de Sua mão estendida para me acalmar:

— Oh! mais insensato e fraco dos entes, Eu sou Aquele que tu procuras.

Não vês que repelitas para longe de ti o Amor, quando a Minha repelias?

Rio de Janeiro, na véspera da Páscoa de 1946.

## Sobrevivencia do Romanceiro

(Cont. da pag. 8)

Também te dará um posto  
Que para ti tem guardado.  
— Como virarei eu  
De cristão turco arrengado

Si meu Senhor Jesus Cristo  
Foi por mim crucificado  
E na sua santa lei  
Onde eu fui batizado?

— Com que pagas, cristão,  
Os bons manjares que te dava?  
Dava-te a comer pão branco  
Daqueles que o rei manjava,

Dava-te a beber bom vinho  
Do que ao rei se apresentava.  
Cristiano, quando fôres,  
De muda pra tua terra,

Dizes que foste cativo  
De uma princesa tão bela  
Qua por tua ingratidão  
Não te casaste com ela.

Mandei fazer uma tórra  
Com as portas para o mar  
Só para ver Cristiano  
Quando se fôr embarcar.

Cristiano, quando fôres,  
De muda pra tua terra  
Si encontrares um rei turco

Diz-lhe que vais para uma guerra

— Arrependido estou eu  
De o dinheiro ter tomado  
Pois bem conheço que fica  
Tristeza no meu reino.

Este romance focaliza uma bela atitude de fidelidade ao batismo, tão menosprezado nos dias de hoje, tão necessário de me-ditado.

Finalizando, com as palavras iniciais de Vicente T. Mendoza no seu opulento volume *El Romance Espanol y el Corrido Mexicano*:

"Cada país, cada nação, cada povo tem expressado em forma mais ou menos semelhante, seu modo de sentir, de pensar e de raciocinar, recordando em cantos singelos, de uma concisão e extatidão espantosas, os acontecimentos que mais profundamente feriram sua imaginação: as guerras, sobre-tudo, as matangas, os atos heróicos..."

Delgadinho, Bernardo Francis, Dom Carlos de Montealvar e tantos outros romances tradicionais que o colonizado hispanico, juso ou castelhano, semeou nos povos americanos, teriam sido fatos reais, acontecimentos históricos, romanceados pela imaginação popular, profundamente impressionada pelas suas repercussões

## Imagens Heroicas De Minha Juventude

(Cont. da pag. 6)

A vida do alagoano continua como um romance de capa e espada. Raro era o dia em que não aparecia uma novidade e rara era a novidade que não envolvia o nosso herói como o centro de tudo. As embaixadas universitárias para o norte ou para o sul, levavam sempre o Teócrito que era o elemento indispensável. O homem que abria todas as portas, todos os portos, todos os palácios! Conduzia uma turma a Porto Alegre, dispondo apenas de passagens de ida e sem qualquer numerário para enfrentar as despesas imprevisíveis em terras estranhas e o necessário regresso. Mas, logo Teócrito estava, como um embaixador, a ser recebido

em audiências por ministros, Governadores, Secretários de Estado e auxiliares da administração. Voltava invariavelmente com todo resolvido. Hospedagem garantida, ajuda de custo e passagens de volta. Aconteceu assim em Belém, em Salvador, em São Paulo, em Porto Alegre e até mesmo em Goiás.

Teócrito era o estudante que mal viajou por estes braços afora. Foi o estudante que mal viveu a vida universitária, romântica, aventureira e mais das vésperas épicas.

O tempo, contudo, transforma as colas e os homens. Dispersada a turma em 1937, entre alienações de colação de grau e o indefectível baile no Náutico, cada um rumou para o seu próprio destino. Teócrito ainda impul-

## Proteja e assegure o futuro de seus filhos



Quaisquer que venham a ser as suas possibilidades de êxito no futuro, uma situação financeira sólida, ao abrigo de imprevistos, é sempre uma garantia de tranquilidade. Os pais previdentes, a par do esforço de cada dia para a educação dos seus filhinhos e de suas filhinhas, asseguram-lhes o futuro, a fim de que possam aproveitar em cheio os benefícios recebidos na mocidade. Há um meio para, sem sacrifícios, assegurar o futuro dos filhos: institua, em nome deles, um pequeno depósito popular na Caixa Econômica Federal de Pernambuco e vá aumentando esse depósito por meio de pequenas contribuições mensais.

### CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DE PERNAMBUCO

MATRIZ: — RECIFE

Agências: — Santo Antônio, Encruzilhada, Largo da Paz — Filiais: — Limoeiro, Nazaré, Caruaru.

# O Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários, Líder da Assistência Social no Brasil

Já ninguém poderá negar a relevante significação da Previdência Social em nosso País. Os institutos e caixas de aposentadoria e pensões, embora ainda não se possa afirmar que cumpram cem por cento a alta finalidade para que foram criados, têm entretanto, prestado inestimáveis serviços aos seus associados que, verdade seja dita, estariam no mais completo desamparo se lhes faltasse a ajuda de suas instituições.

Dentre as instituições de previdência existentes no Brasil, sobressai, sem dúvida, pela sua organização e pela efetiva assistência que presta aos seus associados e respectivas famílias, o INSTITUTO DE APOSENTADORIA E PENSÕES DOS BANCÁRIOS.

Não seria demais ressaltar os eficientes serviços que essa instituição prodigaliza aos seus contribuintes nos grandes centros bancários, através de uma completa e moderna aparelhagem, desde a que se destina a simples consultas até aquela reclamada pela mais delicada intervenção cirúrgica.

Em algumas capitais estaduais, como São Paulo, Recife, Pôrto Alegre e Fortaleza, em edifícios próprios, funcionam ambulatórios completos, em horário conveniente à movimento da assistência bancária que, a classe médica, médica, cirúrgica e AUÍ — Cr\$ 13.475,50.

Passando em revista o importante setor da medicina, cujos recursos ho-

maior destaque as atividades do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários, é a sua penetração através de todo o território nacional. Com a mesma dedicação com que procura atender às necessidades dos associados residentes nos grandes centros

ção nítida do que acima afirmamos. Assim é que, pendem com a assistência dispensados os centros clínica médica, cirúrgica e de população bancária hospitalar, em todo o de profissionais competentes mais densa, como do Brasil, desde a sua ins-

Distrito Federal e os talões até 31 de dezem

Estados de São Paulo e Minas Gerais, onde a

quela assistência atingiu 70.436.697,20.

As apreciáveis cifras de Cr\$ 5.213.189,70, Cr\$ . . .

feito no Distrito Federal, onde adquiriu, recentemente, o Sanatório Cardoso Fontes, situado em Jacarepaguá, em ótimo clima, e dotado da mais moderna aparelhagem e de profissionais competentes que se dedicam com abnegação à luta contra a insidiosa moléstia.

O auxílio pecuniário às gestantes e a sua internação hospitalar re-

ções nesse terreno, pode-se destacar o gigantesco empreendimento levado a efeito no Bair-

ro de Cavalcanti, no Dis-

trito Federal, onde fes-

construir um magnífico

conjunto residencial de

300 casas, que locou por

preços extraordinariamente módicos aos seus

segurados. Iguais empre-

endimentos realizou e

vem realizando em diver-

sas cidades dos Estados,



Sanatório Cardoso Fontes, construído pelo Instituto dos Bancários, para seus associados, em Jacarepaguá

bancários, vai o Instituto até as menores cidades do interior, onde existe um seu segurado, e, aí, silenciosa, mas eficientemente, com todos

os recursos de que dispõe a localidade, ampara seu contribuinte, sem demoras nem formalidades.

Passando em revista o horário conveniente à movimento da assistência bancária que, a classe médica, médica, cirúrgica e AUÍ — Cr\$ 26.200,00 e PI-

4.022.352,60 e Cr\$ . . . promoveu o censo torá- presentam, sem dúvida, proporcionando aos bancários habitações higiênicas, confortáveis e, o que mais importa nestes tempos, grandemente a-cessivas.

Como se depõe de- deste rápido esboço de suas atividades, a solução de grande parte dos problemas atuais depende das instituições de previdência social, entre as quais o Instituto dos Bancários merece, sem dúvida, um lugar de inegável destaque.

4.234.399,60, respectivamente, vamos encontrar todo o Brasil, prevenindo, também os Estados centrais, onde a rede bancária é escassa, assinando o censo torá- presentam, sem dúvida, proporcionando aos bancários habitações higiênicas, confortáveis e, o que mais importa nestes tempos, grandemente a-cessivas.

Como se depõe de- deste rápido esboço de suas atividades, a solução de grande parte dos

problemas atuais depende das instituições de

previdência social, entre

as quais o Instituto dos

Bancários merece, sem

dúvida, um lugar de inegável destaque.

# Sobre Poesia e Alguns Poetas

(Continuação da pág. 4)

"Manhã de Outubro. Na praia,  
Dirigo. E o céu se me calma.  
Ao contemplar a contraria  
Que as ondas tecem na areia.

Pistas comigo, e elas em lâmina  
Os esqueiros, perifláticos.  
Mas, quando passas sonhais  
Ficam todos debrucados.

Já com sugestões de "Um Poeta Pesso" muito diferente se nos apresenta o sr. Aranjo Filho do academismo sistemático que virá suprir a ampla lacuna das litanias de seus livros mais antigos: "Eclogues", "Silvaredo", "Arbor Mea",...

pois, diga-se de passagem, é um trato dos mais tipos no caráter acadêmico e empático, o eruditismo à estrutura, o preconceito até dos títulos dos livros ou dos poemas. Típicos imóveis, desdoráveis, cheios de sutilezas imperceptíveis, subtilidades hipocráticas, referências às vezes trocadilhos, gracilas. Precisamente nisto diverge totalmente o recente livro do sr. Aranjo Filho de sua tradição "acadêmica" com um título de uma modéstia e duma precisão exemplares. Pois trata-se realmente de "sugestões" poéticas que, às algumas vezes escorregam para a meta-poética simbólica, quasi sempre mantêm um clima de invejável serenidade e atacismo, que torna seu livro extremamente sandável.

Leitor assíduo de poetas árabes, persas, principalmente de Omar Hayyan, o sr. Aranjo Filho nele se contagiou daquele dom de dizer as coisas ao mesmo tempo sintético e indefinido. Seus poemas, ecossicos na forma, modestos nas imagens, simples no conteúdo, limitados temática e morfológicamente, são de uma grande riqueza sugestiva e conduzem a sensibilidade lírica a um terreno de meditações, que ele sabe impregnar de um clima poético, tornando-o ao mesmo tempo claro e profundo.

A publicação de "Poesias", de Antônio Rangel Bandeira (Ed. "O Cruzeiro", Rio), é um fato de importância considerável, como livro de estreia que é, apresentando um poeta do valor e da força de seu autor. De há muito que o sr. Antônio Rangel Bandeira se impuzera no conceito literário brasileiro, com seus poemas, sem estudo, sem ensaios, reveladores de uma excepcional sensibilidade poética, ao mesmo tempo que de um escritor vigoroso, cujo sentimento lírico do mundo se completa com uma seriedade espiritual das mais louváveis. Seriedade que torna "Poesias" um livro policiado pelo autor, purificado, transformado, revelando um preconceito e um espírito disciplinado, infelizmente bem raro nos nossos dias. Neste sentido não é demais recordar que a estreia em livro, do sr. Antônio Rangel Bandeira foi retardada de mais de cinco anos, tal a quantidade de reformas, supressões, substituições tem o poeta introduzido no seu livro. E já éste:

ideal perfeccionista da autor o torna excepcional em um meio onde a pressa e a auto-satisfação estão para a obra do arte — uma comparação vulgar — como a simila para a propagação da espécie: fazendo abortar, tornando inviável produto, fazendo fracassar a obra. Iá não quer prima, mas acabada. Embora tal ideal perfeccionista tenha se limitado, talvez de maneira às qualidades líricas de sua poesia, com desprêzo muito grande pela sua parte formal. Neste sentido é cheia de descuidos e inexistências a poesia de Antônio Rangel Bandeira, embora esta descreva, como versos apagados, seja de muita supereira — subrelinhado em um poema — pela sua forte intuição lírica.

O sr. Antônio Rangel Bandeira possui uma grande sensibilidade lírica, o que o conduz ao estado de criação artística. Criação artística que se expressa em poesia, pela ação que apresenta a palavra como material plástico vetor de líricismo e criador de configurações poéticas. O verso é para o sr. Antônio Rangel Bandeira o seu grande veículo na participação de criação poética, e sua utilização é a de dentro para uma absoluta liberdade formal, visando o ritmo interior, psicológico. Na verdade esta liberação formal do sr. Antônio Rangel Bandeira não resulta de uma facilidade artística, o que seria de todo condenvável, mas de uma verdadeira necessidade expressional. Liberdade que não nega uma ordem superior, uma ordem espiritual, funcional, capaz de condicionar numa estruturação hiper-formal representativa do dinamismo de suas imagens, que não prescindem de uma integração superior, global, provocadora do estado poético. Neste sentido o sr. Antônio Rangel Bandeira traz para a nova poesia brasileira uma contribuição pessoal de inestimável valor. Sua poesia se destaca por este valor dinâmico, totalizador do seu conjunto de imagens e versos, integrados — e não somados — numa estrutura unitária nova, que é o poema. Bem expressivos são os "Poemas de Janeiro", que formam a primeira parte do livro, do qual escolhemos um ao acaso:

"Endormidos vultos marinheiros  
Cavalos comerciais  
Gramáticas portuguesas  
Dicionários de Seguier  
E uma vela acessa na medida do tempo."

Multa influência parece ter sua poesia, do cinema, como meio expressional, mais que de simples representação. Pois sua técnica é sensivelmente cinematográfica, neste continuo mover que imprime no poema, mesmo quando utiliza imagens estáticas, como no caso acima citado. Imagens que embora permanecem paradas, adquirem um grande poder rítmico pela utilização do movimento de planos que emprega nos poemas. Seus versos portanto se tornam impossíveis de isolar, mas adquirem, com a movimentação do plano — a aquisição da profundidade, da ter-

ceira dimensão — num valor de conjunto, e assim que o poeta atinge um grau de também intensidade poética, ao mesmo tempo que de dramatização, utilizando "close-up", focalizações curtas, rimadas, repetidas, invenções, neste poema que é indiscutivelmente em dos pontos mais altos da nova poesia brasileira: "Joana morre com sua face"; verifica-se a técnica cinematográfica da apresentação das imagens e do tema, pela mudanças de planos e o ritmo que delas surge, bem como a dependência de cada um dos versos, do conjunto global do poema, pela necessidade de movimento que há neles.

"A face de Joana.  
A lâmpada que guarda.  
A memória do rel.  
O povo excitado.  
Os bispos rezando.  
A fogueira ardendo.  
Seu corpo queimando.  
Face de herética.  
Ah! Face de Jesus!  
Pare de relapsa.

Face da perniciosa.  
Face da blasfemadora.  
Face cruel.

A fogueira ardendo,  
Seu corpo queimando.  
Seus pés queimando,  
Sua pernas queimando,  
Seu sexo queimando,  
Seu seio queimando,  
Queimando a face de Joana.

A face de Joana se  
Se dissolve  
Cai em flor

A face de Joana  
Para sempre  
Na lembrança."

Não creio exagerar dizendo que com este poema o sr. Antônio Rangel Bandeira consegue efeitos poéticos e dramáticos com uma intensidade e com uma técnica rival de Dreyer no seu filme célebre sobre Joana d'Arc.

A ação, a imagem, a emoção, atingem sua essência pura, atingem uma "visualização" intelectual que torna a palavra capaz de surpreender uma velocidade expressional que possibilita o verdadeiro simultaneismo de Epstein. Velocidade, simultaneismo, e outros valores que fazem da poesia do sr. Antônio R. Bandeira uma arte a quatro dimensões, com possibilidades musicais; e não fosse o sr. Antônio Rangel Bandeira filho de compositor, e tão integrado nas questões da música moderna.

"Rosa Extinta" (Livraria Martins, ed. S. Paulo, 1945), do sr. Domingos Carvalho da Silva, não sendo um livro de estreia, vem, no entanto, revelar ao público um poeta novo, que se limitaria a publicar suas obras anteriores em uma edição reduzida, torna do comércio. É um poeta cujas possibilidades artísticas, e cuja sensibilidade muito aguçada, ao mesmo tempo que muito pessoal, lhe

abrem um grande crédito no futuro de nossa vida literária. "Rosa Extinta", título do livro, é ao mesmo tempo um símbolo poético que o autor retira das palavras de Job que lhe servem de dístico: "Come a flor nasce e murcha, e como a sombra foge e permanece". O símbolo da rosa lhe aparece com uma frequência impressionante em todos ou quasi todos os seus poemas, como verdadeira imagem obsessiva. A rosa é o grande leitmotif de sua poesia, pois nela concentra e condensa grandes polos de ação lírica: o tempo que passa, a beleza da vida, a ordem da flor, a expressão do perfume, a fragilidade, a morte, o encanto da vida, "gerada no abismo", "gerada no sol". A rosa é o seu cosmos poético, onde se encontram todos os caminhos de sua sensibilidade e de sua experiência emotiva. E como a rosa que canta em seus poemas, sua poesia é ordenada, bela, harmônica, e cheia de uma profundidade meio cética, meio desiludida, que vê em tudo "sombra que não permanece". Daí ser uma poesia triste até seus últimos limites, mas, ao mesmo tempo fria e ordenada. O poeta nas suas experiências de sofrimento, nos seus encontros com a dor, não se torna um revoltado ou um declarado sárgastico, burrinhento, clamante, que torna a dor de sua própria vida um universo que se openha ao mundo. Sua vida sofrida se transforma numa poesia sofrida, onde a profundidade do sofrimento supera sua expansão. É um sofrimento apolíneo que resulta numa poesia apolínea.

Pois o sr. Domingos Carvalho da Silva é um poeta que domina o estilo de sua poesia — como certamente dominará o de sua vida — com uma impressionante lucidez.

Sua utilização do verso curto, cadenciado, disciplinado, revelam bem o grande artista que é o sr. Domingos da Silva:

"Rosa extinta  
De apagado brilho  
De corola e pétalas:  
Corpo de meu filho

Rosa imponderável  
Que um sóprio desfez  
Numa aurora fria  
Do quinto mês  
Do ano da desgraça  
De quarenta e três."

E esta disciplina, esse cadenciamento, sua rima, vê-se que resulta numa verdadeira necessidade expressional, e é de uma espontaneidade, de uma legitimidade enorme. Poucas vezes se verá num exemplo tão estilisticamente completo, ao mesmo tempo tão sinceramente sofrido, e de tamanha força lírica como este poema: "A Íntima Busca":

"Do ventre da espôsa amada  
Nasce, um dia, Vladimir.  
A luz penetra em seus olhos  
E se transforma em estrela.

Eu envolvo em meu orgulho  
O corpo de Vladimir.

(Continua na 19a. página)

**Vista com distinção e com elegância  
comprando o seu vestuário nas**

**LOJAS PAULISTA**

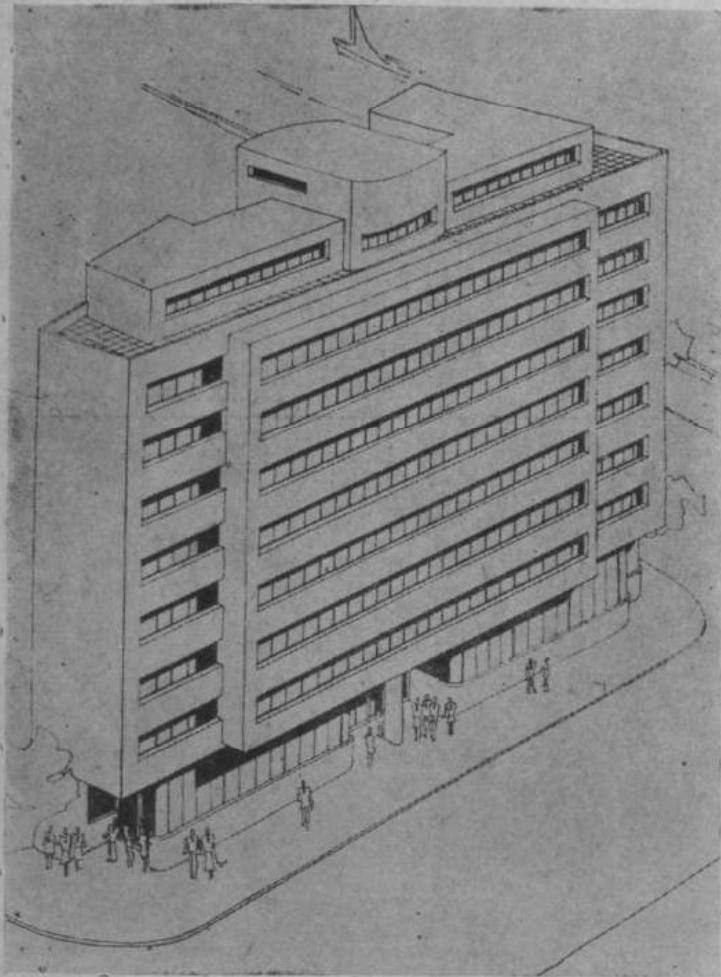
Voiles, fantasias, cambraias finas, brins de linho, "panamás", sedas, musselinhas e grande variedade de tecidos de toda espécie, pelos melhores preços da cidade.

**LOJAS PAULISTA**  
*Fazendas*

\* Rua Nova \* Praça da Independência \* Largo da Encruzilhada \*



# Um Instituto Para Servir O Funcionalismo Da República



**O IPASE E O RECIFE** — Na rua do Imperador, no bairro de Santo Antônio, dessa cidade, será erguido em breve o magnífico edifício cujo projeto se ve acima, o que será destinado à Agência do Ipase neste Estado e a escritórios. Tirá ele 9 pavimentos, distribuídos da seguinte maneira: secção de Expediente, área para o público, "hall", duas lojas e Portaria; 2. pavimento: "hall"; 2 sobre-lojas laterais ao "hall"; 3. pavimento: secção de cobranças, Gerência, grande sala para funcionários e um salão. 4., 5., 6., 7., 8. e 9. pavimentos destinados a escritórios — cada um com 9 salas. No terreno dupla caixa d'água para 20.000 litros.

(Cont. da pag. 3)

A organização monástica que fez, levava em conta as experiências anteriores, as boas e as más lições do passado. Tudo quanto podia ser capricho e ilusão de entusiasmo individual, arrojo que não seria sustentado, quodera que traria desastre, podou e iluminou com a sua Negra. Inventou a estabilidade para evitar a vagabundagem e a indisciplina. Inspirou-se na tradicional severidade da família romana mas teve ainda mais vivo, talvez, o sentimento de liberdade que fizera nos conselhos republicanos e grandezas da Roma antiga. Os abades deviam atender às circunstâncias concretas — tanto as do tempo (e até as vestes podiam ser alteradas quanto as dos indivíduos (é os temperamentos deviam ser estudados para ser atendidos). A regra é ser imutável na medida mesmo em que era flexível. E cada mosteiro não servia a parcela de um todo centralizado e monótono, mas o membro autônomo de uma espécie de federação.

Uma vez que os monges deviam retirar-se do mundo e a comunidade viver sobre si mesma, S. Bento ensinou e exigiu o trabalho, esse trabalho manual que os romanos desprezavam e de que os

bárbaros fugiam. Trabalhando por necessidade material e por necessidade espiritual, para efetivar integralmente as energias humanas, os beneditinos não cumpriram apenas uma penitência: realizavam o dever piedoso e festivo de colaborar com Deus no desenvolvimento da bela natureza pródiga. Santificaram e alegraram o trabalho. "Tornaram a terra magnifica e fizeram o povo orgulhar-se em terra", disse Diarzelli, pensando nos monges da Idade Média em redor de cujas casas crescia aquela gente camponesa que iria justificar o epiteto

Desbravaram, sanearam, fecundaram os campos. E como não era em seu próprio proveito que empregavam o fruto de seu trabalho, distribuíam-no com os pobres; houve quem dissesse por isso que, na Inglaterra e na Alemanha, a Reforma, desapropriando os mosteiros, foi a mãe do pauperismo nos campos (Hyndman; cit. por G. Goyau).

O positivista Lafite escreveu que "os mosteiros ofereceram à Idade Média os primeiros regulamentos morais da propriedade e do trabalho". Todo esse rude esforço destinava-se a encher os intervalos das horas em que o monge cantava: o louvor de Deus assuclava-se à expressão do sentimento, a fé e a beleza an-

davam juntas. E como, por outro lado, era necessário cultivar o espírito para entender cada vez mais as letras ao prazer e à fama, devotavam os mosteiros foram os berços novos da arte e da ciência. Na Irlanda, na Espanha, na Inglaterra ou na França, desempenharam o mesmo papel. "O essencial, numa hora em que tudo perecia, era salvar a noção do trabalho intelectual, conservar o gosto déle. O resto ficava a cargo do tempo e das circunstâncias propícias". E os monges foram esses "humildes e peritíacos operários que, alheios ao prazer e à fama, devotavam-se integralmente à sua obra, ouviam a vida e o nome nos alceiros do edifício magestoso que estavam erguendo para o céu. O constante pensamento que os levava a prosseguir na solidão estudo pacientes e longos, é a glória de Deus e o triunfo do Evangelho, a salvaguarda das almas... Não se trata mais, como nos tempos de Péricles e de Augusto, de uns alegrões cantores da forma e da cor, com o sorriso nos lábios e coroados de rosas, aspirando com embriaguez os aplausos da multidão... No triplex domínio da eloquência, da história e da poesia, são outros os assuntos que prendem os espíritos, outros os acentos que

**O IPASE, sob a presidência do dr. Alcides Vieira Carneiro, ampliará o seu plano de assistência aos servidores da União, estendendo o Serviço Médico Hospitalar para segurados e suas famílias, aos Estados — Movimento de sua Carteira de Empréstimos Comuns e Imobiliários**

Assumindo a sua Presidência há alguns meses, o dr. Alcides Vieira Carneiro, com uma visão acentuada dos problemas instantes em que se debatem as coletividades e de modo flagrante o funcionalismo civil da União, vem procurando dar ao Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE) uma presença constante na solução das mais prementes necessidades da classe que constitui o vasto quadro de contribuintes da Autarquia.

Criado para servir aos funcionários da União, os benefícios proporcionados pelo Ipase se têm feito sentir em suas várias modalidades, como empréstimos comuns e imobiliários, assistência médica-hospitalar, auxílio pre-natal à gestante segurada ou esposa de segurado, etc. Entretanto, com o propósito de estender, cada vez mais, aos Estados, a ação do Ipase, a sua atual administração ampliará, em convênios com organizações hospitalares locais, a assistência à saúde dos segurados e de suas famílias.

Em Pernambuco, podemos assim resumir as atividades do Ipase, pela sua agência local:

#### PREVIDÊNCIA

Atendeu a secção de Previdência 750 beneficiários, num total de Cr\$ 150.000,00, atingindo no período de janeiro a ju-

nho do corrente ano, a importância de Cr\$ 900.000,00.

#### EMPRÉSTIMOS COMUNS

Entre janeiro a junho deste ano, 394 processos de empréstimos comuns foram despachados, tendo sido fornecido no funcionalismo Cr\$ 2.696.877,60. Encontram-se inscritos para novas operações durante o segundo semestre, 410 contribuintes lotados em repartições federais da Capital e do interior do Estado.

#### OPERAÇÕES IMOBILIÁRIAS

Durante o primeiro semestre deste ano, o Ipase, pela sua Agência de Pernambuco, já dispensou Cr\$ 2.722.914,40 com empréstimos para construções ou aquisições de prédios residenciais, sendo que vários outros processos já homologados estão sendo despachados no início do segundo semestre.

#### SEGUROS PRIVADOS

Durante o primeiro semestre do corrente ano, a Secção de Seguros Privados da Agência do Ipase neste Estado, apresenta o seguinte movimento:

Apólices emitidas até 30 de junho ... 245

Capital Segura-

do até 30 de junho ... Cr\$ 7.207.841,60

Sinistros pagos pela Agência do Ipase em Pernambuco

Valor dos referidos sinistros ... Cr\$ 58.186,90

#### APLICANDO MAIS DO QUE ARRECAUDA EM PERNAMBUCO

Com empréstimos, operações imobiliárias, pensões, aposentadorias e outros benefícios, a Agência de Pernambuco dispõe entre janeiro e junho do ano em curso, Cr\$ 6.377.958,99, enquanto a sua arrecadação, neste Estado, em igual período, atingiu a Cr\$ 3.213.236,20.

Assim, Cr\$ 3.164.722,70 foram aplicados em Pernambuco pelo Ipase, a mais de sua receita, nos últimos seis meses. Prova o interesse da administração do Instituto em bem servir, na execução de um largo programa assistencial, sóm rega geral; o Ipase dispõe através das Agências Estaduais, noventa por cento de sua arrecadação, abrindo, entretanto, exceção para este Estado, bem como outros igualmente necessitados em face de seus problemas mais agudos, para atender circunstâncias especiais e necessidades imperiosas.

## O CIVILIZADOR DO TEATRO E DA SOCIOLOGIA

(Continuação da 1. pag.)

também verdade nas ciências sociais, com a diferença de que as ciências sociais são infinitamente mais complexas... E o que nos ensina Seligman na sua "Interpretação Económica da História", pg. 73, na tradução espanhola do prof. Adolfo Menzel.

No processo civilizador do povo brasileiro, estendido por Gilberto Freyre em "Casa Grande & Senzala", "Sobrados e Mucambos", "Nordeste" e em livro ainda inédito — "Ordem e Progresso", o sociólogo contemporâneo adotou, a meu ver, em relação ao homem e ao meio, o que se poderia denominar de posição estratégica do sociólogo, isto é, apresentando todos os fatos e não se deixando enganar pelos acontecimentos exteriormente exuberantes a fim de não esquecer a importância dos detalhes, das nuances sutis que se encontram

precisamente nos pequenos fatos chamados pitorescos pelo autor de "Geografia da Fome".

Ao querer subordinar a explicação do processo civilizador brasileiro aos seus conhecimentos de nutricionista profissional, o prof. José de Castro caiu no exagero científico já apontado pelo sr. Adolfo Menzel em sua "Introdução à Sociologia" (edição Fondo de Cultura do México, 1941). Declara Menzel ser a geografia uma ciência auxiliar importante da sociologia, mas que não se pode aceitar a opinião de um geógrafo como E. Huntington "que trata de fazer depender toda a evolução humana do clima", pg. 104).

Desejaria o prof. José de Castro fazer depender toda a História do Brasil da sua ciência da nutrição? E o que parece.

\* \* \* \* \*

as vozes inspiradas fazem ouvir... Opondo os últimos representantes da arte pagã, fracos na inspiração e preenchidos no estílo, aos primeiros poetas da sociedade cristã. Comparai, por exemplo, Venâncio Fortunato, e o alauda harmônico dos últimos cantores da Ausónia, ao autor do Pange Iungu; que espantosa diferença! De um lado, a vacuidade do pensamento procurando em vão ouçar-se sob as ornamentações sempre magestosas da linguagem; de outro, o indizível encanto de uma sincera emoção religiosa comunicando-se ao leitor mais frio apesar da estranheza de um ritmo bárbaro. Ontem, arias banais aprendidas nos cursos e a doutrina "promessa mas aadia" dos estóicos latinos sobre o dever (Schröer); São Bento fez passar todo isso à vida cotidiana através da disciplina de uma comunidade que olhava com os mesmos olhos para o trabalho dos campos e o das bibliotecas. A sobriedade dos primeiros romanos, o ambiente social da família, o esforço agrícola, fecundando a terra, o estudo aperfeiçoando o espírito, o canto embellecendo a vida, o louvor de Deus colocado à frente de tudo — eis o homem preparado para enfrentar o redemoinho da queda do Império e tirar de tamanha subversão uma civilização nova.

# Gilberto Freyre No Recife

(Continuação da 20 pg.)

ram sua solidariedade, mostra que há ainda, no Brasil, gente generosa e ingênua. Mas, repito, não é idéia para ser tomada a sério. Aliás, ouço dizer que a intenção do escritor Magalhães Junior, já melhor advertido, é procurar preparar o Brasil para concorrer, com um nome realmente grande, aquele prêmio, não no ano próximo, mas no de 1950. E' que ele foi informado do muito que é necessário a um país para fazer junto com outros países, e através de organizações culturais sérias, a fim de levantar uma candidatura ao cobrado prêmio aéreo. E é quasi certo que essa candidatura será a de Monteiro Lobato, nome que já vinda sendo lembrado para a insigne honra por vários escritores brasileiros, inclusive pelo meu fraternal amigo José Lins do Rêgo. E é justo — justíssimo. Lobato é, na verdade, um escritor altamente representativo do Brasil e com a qualidade de ser um beletrista, um escritor de ficção e, ao mesmo tempo, um poeta da prosa. E é um intelectual capaz de reunir hoje, em torno de seu nome glorioso de renovador das letras nacionais, a imprensa brasileira quase toda, que, no caso de outros possíveis candidatos, talvez se dividisse lamentavelmente.

Este ponto é importante. A sabotagem eficiente que o stalinismo-prestista, hoje senhor do noticiário de alguns dos mais importantes jornais e agências telegráficas, fizesse nos diários, revistas e telegramas a um suposto candidato do Brasil àquele prêmio literário internacional, poderia colocar em situação ridícula, não tanto o candidato, como o promotor ou os promotores da sua candidatura.

Com a chegada do prof. Odilon Nestor, velho amigo e admirador do mestre da sociologia brasileira, a conversa mudou de rumo. Passou-se a falar de como pagam mal os jornais e revistas brasileiras aos seus colaboradores.

— E quando pagam? Acrescentou o esteta de "Aproximações".

## Sobre Poesia e Alguns Poetas

(Continuação da pg. 17)

No sexo de Vladimir.  
No sangue de Vladimir.  
Quero ser o leite e o ar  
Que alimentam Vladimir.  
Prevejo meus tetranitos  
No sexo de Vladimir.  
A luz do sol permanece  
Nos olhos de Vladimir.  
Mas no quinto mês de vida  
A morte sopra estes flamas.

A luz se apaga e a poesia  
Se transmuda em epitáfio."

O maior motivo dramático da vida do poeta, a maior ferida por onde ainda sangra seu coração, se torna também seu maior motivo poético, sem se expandir em impurezas declamatórias, é seu maior poema. E isto é um equilíbrio difficílimo. E este grande poema não é grande sómente em "Rosa Extinta". E grande na poesia nova do Brasil. E dos maiores, todos o vêem.

...Espalharey por toda a parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho & arte."

LUS., I, 27-8



CAMOES, como todo homem de gênio, tinha a visão do futuro. Por isso cantou os feitos portugueses num poema que se tornou imortal. E "as armas assassinadas" que os lusitanos executaram no século XVI ficaram para sempre gravadas na memória do mundo. Camões precisava de um meio de divulgação para as grandes aventuras dos seus patrícios. E o modo mais fácil, o mais condizente com a época, foi o seu grande poema, — o maior monumento da língua portuguesa.

Hoje, as nações modernas não mais utilizam poemas épicos para a divulgação de suas possibilidades. Dispõem de modernos escritórios de propaganda, sempre aptos a fornecer quaisquer informações a respeito do país que representam. E' que todos

os governos têm noção do valor dessa publicidade.

— Sra. comerciante: sem propaganda, o seu produto, embora de boa qualidade, ficaria relegado a segundo plano. Uma inteligente divulgação fa-lo-á conhecido em todos os mercados.

Utilize o CADASTRO COMERCIAL E INDUSTRIAL BRASILEIRO como veículo de propaganda inteligente e bem orientada.

Divulgação da

ORGANIZAÇÃO CACIQUE — Publicidade

Editora do

CADASTRO Comercial e Industrial BRASILEIRO

RUA NOVA, 282, 2.º ANDAR — TELEFONE, 7159 — TELEG.: "CACIQUE"  
RECIFE — PERNAMBUCO

## A LIVRARIA JOSÉ OLIMPIO EDITORAS APRESENTA

EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS — O NOVO E INTERESSANTÍSSIMO LIVRO DE

## Gilberto Freyre INTERPRETAÇÃO DO BRASIL

JÁ PUBLICADO COM RUIDOSO ÉXITO NOS ESTADOS UNIDOS E NO MÉXICO. UMA OBRA QUE SE COLOCA AO LADO DE

### CASA GRANDE & SENZALA

Um Vol. de 330 págs. da Coleção "Documentos Brasileiros"  
Encadernado: 55,00 — Brochado: 40,00

\*

ATENÇÃO: Se não encontrar no seu livreiro, basta pedi-lo pelo nosso Serviço de Reembolso Postal — Caixa Postal, 4.323 - RIO — que será imediatamente atendido, sem onus algum.

\*

LIVRARIA JOSÉ OLIMPIO EDITORA  
Rua do Ouvidor, 110 — Rio de Janeiro

## SOCIEDADE DE EXPANSÃO COMÉRCIAL

### DE PERNAMBUCO LTDA.

Distribuidores — Conta Própria — Rep. — Imp. e Exportação

Telegrama: SEPA — Caixa Postal, 23 — Telefone: 9374-9554

Cataventos Wincharges, Material Elétrico, Motores ARMSTRONG e STUART a óleo e gasolina, Geradores

\*

Ferros da Belgo-Mineira, Cerâmica São Caetano, Tintas e Vernizes GIL, Chapas e Telas perfuradas, Cimento Poty, Produtos Norge, Laboratórios Sharp Dohme e Heclan

\*

Av. Marquês de Olinda, 214

RECIFE

— PERNAMBUCO

# GILBERTO FREYRE no RECIFE

A revista NORDESTE, que conta com Gilberto Freyre entre os seus mais ilustres colaboradores, enviou a seu redator-chefe anônimo de Apipucos para ouvir o sociólogo, recém-chegado do Rio, a respeito de alguns boatos que circulavam no Recife sobre os motivos que haviam determinado a sua licença da Câmara, em plena fase de funcionamento daquele poder legislativo.

Gilberto Freyre estava no seu gabinete de trabalho de lapis e caderno nas mãos. No seu chamado retiro de Santo Antônio de Apipucos ele se encontrava tão à vontade como o agricultor na casa-grande de sua fazenda. Depois de uma longa permanência no Rio, quando podia se pensar que desta vez tivesse tomado gosto pela Avenida Rio Branco, o deputado dos estudantes abandonou subsídios, rapapés, conveniências políticas e vem passar o resto do ano em Pernambuco. Não era, portanto, de estranhar que um gesto desses não provocasse espanto, crítica e admiração. Na entrevista que Gilberto Freyre concedeu a NORDESTE os boatos ficam reduzidos a colma nenhuma e as suas declarações assumem um valor inestimável como depoimento de um homem que sendo um grande escritor e estando na política, nunca traiu seus compromissos de consciência nem para com a cultura brasileira e nem para com o povo que o elegeu.

As suas declarações começaram quando lhe contei o que ouvira num ônibus, a seu respeito:

"Aquele é um homem. Pediu licença à Câmara, perdendo 9 contos por mês, para poder escrever seus livros. Se fosse outro ia tapeando e escrevendo lá no Rio mesmo".

Gilberto Freyre então esclareceu: "Pedi licença à Câmara, valendo-me de um direito que é de todo deputado. Da licença parlamentar não decorre prejuízo para ninguém, a não ser para o próprio deputado a quem seja concedida a licença por ele solicitada. O licenciado é imediatamente substituído pelo 1.º suplente. A representação nada sofre. No caso, meu substituto é um pernambucano que honra Pernambuco: sr. Barros Carvalho.

Quando foi anunciada a concessão da licença que eu solicitaria à Câmara, dois boatos começaram a correr a meu respeito. Ambos vieram à tona na imprensa. — Um, que eu "estou desencantado com a política" ou "com o Congresso". Outro, que eu partia para uma viagem fradequiana à Europa e aos Estados Unidos, voltando a um velho hábito de epicurista intelectual. Creio que sei a origem dos dois boatos ou das duas invenções. E não preciso dizer que são duas invenções sem fundamento nenhum e, apenas, maliciosas ou intencionais. Em primeiro lugar, eu não podia estar desencantado com a política ou com o Congresso pela simples razão de que nunca me deixei encantar pela política nem seduzir por uma cadeira de deputado na Câmara Federal.

## SOU DEPUTADO COMO QUEM CUMPRE UM DEVER

— E por que, então, está na política?

Gilberto Freyre respondeu imediatamente:

— Estou na política e sou deputado como quem cumpre um dever. Já disse mais ou menos isto a um jornalista do Rio. Mas não faz mal que o repita, noutras palavras, a um jornalista da minha terra.

Quanto ao outro boato, continuou o escritor pernambucano: aqui estou, há dias, no meu velho Recife, trabalhando tanto que não saio de casa, e não a caminho da Europa nem dos Estados Unidos numa doce viagem de recesso ou de brilho.

— E os cursos de sociologia brasileira no estrangeiro?

— É certo que tenho recebido nos últimos anos, convites para ir à França, à Suíça, à Inglaterra e aos Estados Unidos realizar conferências ou dizer cursos universitários. E meus editores americano e inglês muito desejaram minha presença em Nova York e Londres. Mas tenho me sentido obrigado a recusar tais convites. Em 1945, porque estava empenhado numa rude luta contra o estatofascismo. Em 1946, porque participava da Assembleia Constituinte, onde só cheguei tarde por motivos alheios à minha vontade. Mesmo assim, pude concorrer, através de emendas defendidas em plenário e, finalmente, aceitas, para limpar a Constituição dos excessos de "nacionalismo profissional" com que se apresentou seu primeiro projeto.

## O TRABALHO SILENCIOSO E FECUNDO DAS COMISSÕES DO CONGRESSO

"Para limpá-la, também, — sublinhou o sociólogo de "Casa Grande & Senzala" — de uma definição da "ordem econômica", que, se tivesse sido conservada, teria corrido do ridículo e de sub-jornalismo amarelo o carta de 46. Também tive o gosto de concorrer para a afirmação, na Constituinte de 46, dos senti-

"Sou deputado como quem cumpre um dever" — O trabalho silencioso e fecundo das comissões do Congresso — Onde se fala de Lula Cardoso Ayres — "ORDEM E PROGRESSO" continuará "CASA GRANDE & SENZALA" — O Premio Nobel e a candidatura de Monteiro Lobato

mentos de especial estima que prendem o Brasil a Portugal: primeiro passo para a cidadania comum que há de unir, em futuro próximo, brasileiros e portugueses.

Concorri, ainda, ao lado de Hamilton Nogueira, para tornar claro o fato de que a Constituição de 46 repele qualquer prelégio de raça ou de cér em nosso país. E, por ocasião dos fusilamentos de Nuremberg, ergui minha voz de representante da Nação brasileira contra a pena de morte há anos repercutida pela nossa civilização cristã.

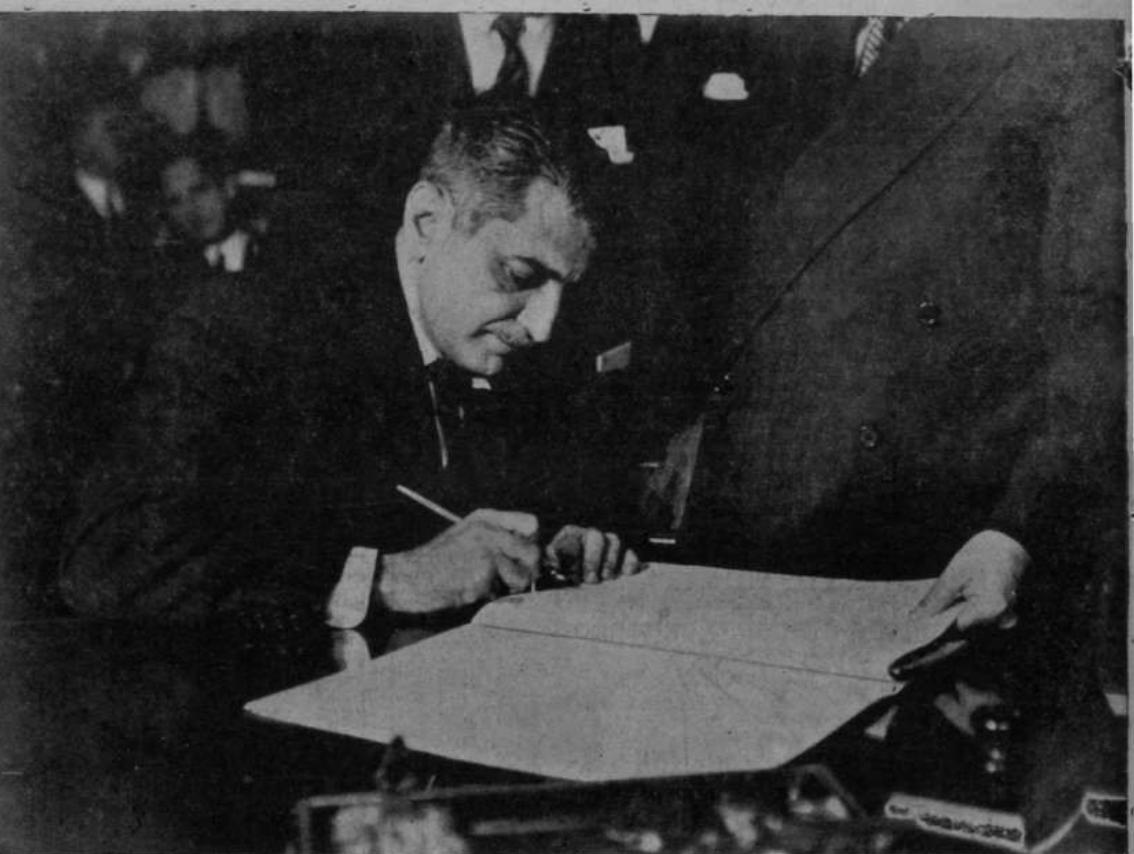
Tendo tido a honra de ser indicado para

dos congressistas, como da política e dos políticos. A verdade é que podemos e devemos nos regozijar em ver, hoje, na atitude política ou moral de um José Américo de Almeida, de um Milton Campos, de um Otávio e de um João Mangabeira, de um Plínio Barreto, de um Café Filho, de um José Augusto, de um Virgílio de Melo Franco, de um Eraldo Pila, de um Osvaldo Aranha, de um Souza Costa, de um Juraci Magalhães, de um Ivo de Aquino, de um Prado Kelly, de um Carlos Lacerda, de um Carlos Prestes — para só mencionar al-

meus trabalhos capazes de acrescentar alguma couça ao conhecimento da nossa história social e cultural e à metodologia historicoc-sociológica. Mas isto é ponto para ser julgado pela crítica competente. O que sei é que INGLESES NO BRASIL representa um aperfeiçoamento, e alguma meditação. Será prefaciado por um historiador ilustre — Otávio Tarquínio de Souza.

"ORDEM E PROGRESSO" CONTINUARÁ "CASA GRANDE & SENZALA"

A conversa bandeou-se para o sucesso recentemente alcançado com o lançamento de seu livro — Interpretação do Brasil — prefaciado e traduzido pelo escritor parabiano Olívio Montenegro. Gilberto Freyre, a propósito dos comentários que tecemos sobre a orientação sociológica de "Casa Grande & Senzala", falou-nos de um outro livro em preparo: ORDEM E PROGRESSO.



O escritor Gilberto Freyre assinando a Constituição Brasileira de 1946, na casa de Tiradentes.

a Comissão de Educação e Cultura da Câmara, tenho ali procurado contribuir para o esclarecimento e a solução de alguns dos nossos problemas mais urgentes de cultura e de ensino: um deles, a ampliação do ensino rural. Outro: a redução da importância do exame oral final em nossas escolas. E é preciso que se saiba fóra do Congresso que nas comissões vem se trabalhando ativa e proveitosamente. Em geral, pensa-se cá fóra que o Congresso é só palavrório inútil, só falso-rio demagogico, só discussões às vezes tumultuosas, em plenário — as discussões em que quasi sempre brilham aqueles talentos apenas teatrais que raramente são também deputados verdadeiramente úteis ao país. E' preciso alguém acompanhar de perto o trabalho de uma comissão como de Educação e Cultura ou como a de Finanças, da Câmara ou do Senado Federal, para citar apenas duas das mais ativas — para ter idéia do muito que se realiza, num parlamento moderno, através de comissões que o público quasi não conhece, porque a atitude ou o esforço dezenas de comissões nenhuma é das que melhor se prestam a noticiário sensacionalista ou aos comentários pitorescos da imprensa, do rádio ou dos telegramas para os Estados. Infelizmente é por esse noticiário e por esses comentários que a gente mal leviana julga congresso ou congressista —, e conclui que é tudo uma palhada inútil. Lembremos-nos de que há elementos interessados nisto: em desmoralizar a democracia política do Brasil. Em criar ambiente para os governos autoritários de direita ou de esquerda. De modo que os bons brasileiros devem estar atentos contra as tentativas de desmoralização tanto do Congresso e

guns. Raras vezes, na história do nosso país, mesmo nos "grandes dias do Império", terão se defrontado em lutas políticas ou em debates parlamentares tão numerosos homens eminentes que prestigiam, em vez de desprezar o nome de "políticos" e a condição ou a atividade política entre nós".

## ONDE SE FALA DE LULA — O AMIGO DO TRABALHO DIFÍCIL E HONESTO

Nesta altura da palestra, Gilberto Freyre fez uma pausa nos seus comentários políticos e nos disse sorrindo:

— Basta, porém, sobre política. Reafirmo que vim a Pernambuco concluir ou procurar concluir, durante a licença que a Câmara me concedeu, trabalhos intelectuais de urgência. Em primeiro lugar o preparo da nova edição, em dois volumes, de SOBRADOS E MUCAMBOS, para a coleção "Documentos Brasileiros". Venho acrescentando muita couça ao texto. E também muita nota. A apresentação do material será no mesmo estilo que o de CASA GRANDE & SENZALA na sua 5a. edição em português. As ilustrações serão de Lula Cardoso Ayres, que vem se dedicando ultimamente a esse trabalho. Nelas, Lula se afirma mais uma vez o artista conciencioso que é, inimigo das improvisações facetas e amigo do trabalho difícil e honesto, através de qual vem realizando uma verdadeira renovação da pintura entre nós".

Informados de que já estava com outro livro pronto, arriscamos a perguntar. O mestre respondeu:

— Acabo de entregar ao editor o livro INGLESES NO BRASIL. Considero-o um dos

"Também espero ter pronto até Março do ano próximo esse estudo, continuação do iniciado com CASA GRANDE & SENZALA e continuado com SOBRADOS E MUCAMBOS".

ORDEM E PROGRESSO será uma tentativa de estudo e interpretação sociológica e psicológica da transição do trabalho escravo para o trabalho livre no Brasil. Fim do esse trabalho, pretendo escrever o estudo sobre os fatores ecológicos, de meio físico, social e de cultura que vêm condicionando o desenvolvimento da literatura no Brasil. Será um dos volumes para a história da literatura brasileira a ser escrita por vários especialistas, numa obra de conjunto planejada e organizada pelo notável crítico literário que é o nosso conterrâneo Alvaro Lins.

Devo ainda mencionar o fato de que José Olympio dará breve, em folhetos, meus recentes trabalhos "O camarada Whitman" e "Centenário de Joaquim Nabuco", este um discurso na Câmara lembrando um "prêmio Joaquim Nabuco" de 50 mil cruzeiros para o ano de 1949.

## O PRÉMIO NOBEL E MONTEIRO LOBATO

— E a campanha que se está fazendo em torno de seu nome para o Prêmio Nobel?

— Como iniciativa brasileira — respondeu-nos Gilberto Freyre — isso de Prêmio Nobel de Literatura para o meu nome, que nem siquei sou poeta ou romancista, é uma piada que não deve, de modo nenhum, ser tomada a sério. Idéia de um distinto escritor, o sr. Raymundo Magalhães Júnior, a que alguns outros escritores igualmente gentis de-

(Continua na pg. 19)